

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

Comunicação Social – Hab. Jornalismo

**Da morte & do pão – uma série de reportagens**

**Michael Dias Barbosa**

**RA: 121032991**

**BAURU/SP**

**2017**

**Michael Dias Barbosa**

**RELATÓRIO DE PROJETO EXPERIMENTAL**

Da morte & do pão – uma série de reportagens

Relatório de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social, da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Bertolli Filho

**Bauru, 2017**

### **Agradecimentos**

Aguinaldo, Cristina e João; pai, mãe e irmão, obrigado pelo suporte e amor nesse caminho tão longo e em que estivemos tão distantes. Sem vocês nada disso seria remotamente possível. Saibam que cada pequena vitória minha é, antes, de vocês.

Obrigado à Risca Faca e todos que ali eu dividi erros e acertos. Obrigado pelas conversas, festas, porres e ressacas; pelas noites em claro, pelas discussões intermináveis e pelas histórias, tão absurdas, tão tragicômicas e tão nossas. Obrigado por todo o medo & delírio que compartilhamos.

Grafite, obrigado pela amizade, é bem difícil pensar essa trajetória sem ela.

Dri, obrigado pelo companheirismo, inteligência e verdade que você entregou a mim. Você é parte indissociável da minha trajetória. *I meet you at the statue any day and I know it flows both ways.*

Por fim, obrigado ao Professor Cláudio Bertolli pela orientação nesse último ato e obrigado a todos os outros mestres que participaram da minha formação, aqui e antes. Por fim, obrigado à Universidade Estadual Paulista. Vida longa a um ensino público, gratuito, acessível e de qualidade.

## **RESUMO**

Este trabalho descreve o processo de pesquisa e apuração na realização do projeto-experimental “Da morte & do pão – uma série de reportagens”: a fundamentação teórica dos estudos humanísticos realizados e uma série de reflexões a respeito das técnicas textuais, jornalísticas e tecnológicas empregadas.

**Palavras-chaves:** *Jornalismo. Morte. Anatomia. Tanatopraxia.*

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	06
<b>2. Fundamentação teórica</b> .....	07
<b>2.1 Uma breve história da morte no ocidente cristão</b> .....	07
<b>2.2 As profissões da morte, o anatomista</b> .....	10
<b>2.3 As profissões da morte, o tanatopraxista</b> .....	13
<b>2.4 As profissões da morte, o médico</b> .....	14
<b>3. Questões metodológicas</b> .....	15
<b>3.1 A escolha pelo <i>online</i>, algumas questões</b> .....	15
<b>3.1.1 O acesso à <i>internet</i></b> .....	15
<b>3.1.2 O que é e por que o Medium</b> .....	16
<b>3.2 O jornalismo <i>longform</i></b> .....	17
<b>3.3 A questão do <i>hiperlink</i></b> .....	18
<b>3.4 O jornalismo literário</b> .....	20
<b>3.5 Questões de gênero</b> .....	xx
<b>3.5.1 O ensaio</b> .....	xx
<b>3.5.2 O gonzo</b> .....	xx
<b>3.5.3 A entrevista narrativizada</b> .....	xx
<b>3.5.4 A reportagem-colagem em Svetlana Alexiévitch</b> .....	xx

<b>4. Aspectos técnicos</b> .....	XX
<b>5. Considerações finais</b> .....	XX
<b>6. Bibliografia</b> .....	XX
<b>7. Anexos</b> .....	XX

## 1. Introdução

O verbete dedicado à palavra morte em um dicionário de língua portuguesa define-a como “1. o fim da vida 2. término de qualquer coisa 3. grande pesar” (HOUAISS & VILLAR, 2009, p. 514); já o termo trabalho define-se como “1. Atividade profissional, remunerada ou não 2. Atividade produtiva ou criativa, exercida para determinado fim 3. O resultado ou exercício dessas atividades”<sup>1</sup>.

Muito além dos dicionários, *morte e trabalho* foram, ao longo da história do ocidente cristão (espaço e tempo ao qual os estudos preparatórios e problematizações aqui registrados se limitaram) tema recorrente das atenções e discussões nas mais variadas áreas do saber humanístico, com certo destaque à antropologia, filosofia, psicologia, sociologia e historiografia — essas que perpassaram a preparação bibliográfica realizada para a série de reportagens “A morte e o pão”, com especial destaque ao trabalho de dois historiadores interdisciplinares ligados à francesa Escola dos Annales e que se debruçaram especificamente sobre a temática da morte no ocidente cristão: Philippe Ariès e Michel Volvelle.

A morte, como uma temática complexa e dotada de múltiplos significados, sofreu, ao longo da história cristã, fluxos e contrafluxos, sendo ora mais ou menos objeto de medo; sendo, repetidas vezes, expulsa e trazida ao contato dos vivos; sendo o corpo morto disputado ou renegado por forças sociais (a Igreja o Estado, a família) e esse, ontem miraculoso, é hoje repulsivo. Invariavelmente, a morte é um tabu que dentro de si guarda tantos outros, ou, nas palavras de Freud, sobre o tabu, *sagrada e proibida*. A morte é, afinal, segundo Bauman (2006), “Irreparável, irremediável, irreversível, irrevogável, impossível de cancelar ou curar... O ponto sem retorno... O final... O derradeiro... O fim de tudo (...)”.

Essa série de reportagens, assim, parte, primeiramente, da vontade de falar sobre aquilo que pouco, verdadeiramente, se fala e, em especial, contar histórias dos sujeitos que por escolhas e acidentes acabaram por fazer da morte e do cadáver parte indissociável das suas atividades profissionais. Sujeitos que, operacionalizando e conservando peças cadavéricas, maquiando defuntos em salas frias ou encarando no momento da morte um fracasso inconvertível estão, sempre, em última análise, servindo aos vivos.

É, também, na minha formação como jornalista, um esforço intelectual de trabalhar com um campo absolutamente interdisciplinar e em uma estrutura que me possibilita alguns dos desafios que mais me interessam na atividade jornalística: a pesquisa e a apuração cuidadosa, o uso de recursos

---

<sup>1</sup>Ibid. p.734

literários e estéticos combinados às técnicas jornalísticas, ampla margem para experimentações de gênero no jogo de relações entre essas áreas e, ainda, trabalhar com a plataforma do Medium, extremamente recente e, em parte, dedicada a criar um paradigma na produção e leitura de jornalismo *longform*.

## **2. Fundamentação teórica**

### **2.1 Uma breve história da morte no ocidente cristão**

Traçar uma trajetória da relação do homem do ocidente cristão com a morte é uma tarefa de fôlego que pode ser dividida em três frentes relativamente claras: a relação do sujeito com a própria finitude; a relação do sujeito com o transpasse de outrem (em especial amigos e parentes) e, enfim, a relação dos vivos com o “signo da morte” (TALAMONI, 2012), ou seja, o cadáver.

A escolha, aqui, é de passar por essas três frentes respeitando um percurso histórico e cronológico que se inicia na antiguidade tardia (séculos IV e V d.C), tem especial enfoque na Idade Média como um período formador, entre os séculos V e XV d.C., e deságua no que podemos chamar, dentro desse esquema consolidado de definições, de modernidade e contemporaneidade. É essa trajetória que será traçada que possibilita uma compreensão clara do percurso que torna possível as profissões investigadas nessa série de reportagens, como o anatomista e o tanatopraxista.

O que chamamos e definimos aqui como antiguidade tardia é o período que coincide com a oficialização do cristianismo como religião oficial do Império Romano do Ocidente (em 380 d.C.) e a data tida mais comumente como marco do fim desse mesmo império (a deposição de Rômulo Augusto em 476 d.C., menos de 100 anos após a oficialização). Trata-se, assim, de um período em que a existência de uma Igreja Católica Apostólica Romana oficial coexiste com um Estado, ainda que decadente e moribundo, por essência forte e centralizador - em oposição ao medievo onde a Igreja é, em si, a maior e mais extensa força política.

Esse curto período é marcado por uma relação dupla com a morte, onde convivência e repulsa são duas faces da mesma moeda,

Apesar da familiaridade com a morte, os antigos temiam a vizinhança dos mortos e os mantinham a distância. Veneravam as sepulturas: em parte porque temiam a volta dos mortos, e o culto que dedicavam aos túmulos e aos manes tinham por finalidade impedir que os defuntos voltassem para perturbar os vivos. Os mortos enterrados ou incinerados eram impuros: quando muito próximos, poderiam poluir os vivos. A morada de uns devia ser separada do domínio dos outros para evitar qualquer contato, exceto nos dias de sacrifícios propiciatórios. (ARIÉS, 2012, p.39)

Já à entrada da Idade Média passamos a ter uma outra oposição definidora para as relações do sujeito europeu cristão com a sua finitude: de um lado a morte domada, honrosa, e do outro a



morte repentina — ou *mors repentina* —, uma vergonha, à exceção dos mortos em combate nas guerras santas.

Primeiramente, a morte domada pode ser tida aqui como o mesmo que a morte que se faz anunciar. Este anúncio surge na literatura da Alta Idade Média tanto num sentido clínico e lógico, com a acentuação das enfermidades levando à consciência da proximidade da morte, como também através de sinais absolutamente místicos e extraterrenos, exemplificado por Chateaubriand (1802), “Por vezes um falecimento se fazia prever pelo tilintar de um sino badalando por si mesmo, outras vezes o homem que devia morrer ouvia três pancadas no chão do seu quarto” (apud ARIÈS, 2012, p. 9), ou, ainda, “A morte, tão poética porque toca as coisas imortais, tão misteriosa por causa do seu silêncio, deveria ter mil formas de se anunciar”<sup>2</sup>.

Em outro aspecto, a morte domada é marcada também por uma atitude de resiliência, aceitando-a de bom grado, nunca com revolta ou resistência — uma oposição radical à atitude moderna diante da mesma situação. A recusa dá lugar a um momento ritualístico, onde os ritos religiosos são cumpridos e despede-se dos familiares,

Assim, tendo o moribundo realizado os atos depois que advertido do seu fim próximo, se deitou com a face para o céu, voltado para o Oriente, as mãos cruzadas sobre o peito, que tinham caráter cerimonial, ritual. Ali reconhecemos a matéria ainda oral do que será mais tarde o testamento medieval, imposto pela Igreja como um sacramento: a profissão de fé, a confissão dos pecados, o perdão dos sobreviventes, as disposições piedosas que lhes diziam respeito, a recomendação da sua alma a Deus, a escolha da sepultura. Tudo se passava como se o testamento devesse formular por escrito e tornar obrigatórias as disposições e as orações que os poetas épicos atribuíam à espontaneidade dos moribundos. (ARIÈS, 2012, p.23)

No mais, essa narrativa situa-se em um momento anterior a ideia hoje popular do julgamento final. A simbologia corrente era que os mortos dormiam e iam ao repouso no paraíso; o inferno, por sua vez, era um local de espera, ainda distante da imagem corrente punitiva. Assim, de modo geral, o europeu cristão da Alta Idade Média não enxergava a ida ao paraíso como um desafio, mas tão somente como uma consequência natural da vida católica.

Do outro lado, a morte repentina — e também a morte solitária — se revela para esses sujeitos como uma *maldição, feia e desonrosa* e sobre a qual pouco se falava (ARIÈS, 2012). Como dito, a única exceção se dava no terreno das guerras santas e àqueles que nessas circunstâncias padeciam.

Simultaneamente à existência dessa oposição passa a existir, ao longo da Idade Média e até o século XVIII, a crença no que pode se chamar de enterro *ad sanctos*, ou seja, a necessidade de se

---

<sup>2</sup>Apud Ariès, 2012, loc.cit.

enterrar o cadáver próximo a onde estão enterrados aqueles que foram santos (ou mártires) em vida. Esse hábito parte de uma vontade básica: proteção. Nesse contexto, observa-se, já, a existência de dois cristianismos, o dos leigos e o da Igreja enquanto instituição regulamentadora da fé cristã. Ainda que a Igreja negasse a necessidade de se preocupar com a conservação física do corpo após a morte (para que fosse possível a ressurreição), isso não fez com que os fiéis deixassem de viver essa preocupação. Os cemitérios tradicionais, distantes da cidade, deixavam o cadáver entregue à própria sorte. Os santos, por sua vez, consistiam numa exceção à proibição de se enterrar na igreja ou no adro e encontravam-se em local seguro e vigiado. Logo, enterrar *ad sancto* era garantir proteção ao corpo morto e sua conservação (física) para o momento da ressurreição.

O que era uma proteção meramente física passa, também, a consistir numa proteção à alma. Acreditava-se, nesse sentido, que outra vantagem do enterro próximo aos santos (ou *apud ecclesiam*, literalmente ‘na igreja’), é que os mortos leigos se aproveitavam das preces feitas aos mártires.

Paralelamente a essa movimentação, que traz os mortos para dentro das cidades, tanto nas infinitas exceções a enterrar na igreja ou no seu pátio quanto nos cemitérios, que voltam a se aproximar da cidade, a salvação deixa de ser uma certeza. A ideia de julgamento vai se tornando mais consistente no imaginário popular, o inferno de outrora se transforma em *reino de satanás* e *morada dos danados* (ARIÈS, 2012) e, não obstante, um terceiro local passa a aterrorizar os vivos, o purgatório,

“É uma tomada de consciência individual, que se recusa a partir daquele momento a se deixar encerrar no esquema binário dos dois locais, inferno e paraíso, na época em que a sociedade cavaleiresca começa a mudar de articulação e elabora um novo direito, reflexo de uma nova visão do mundo, na qual se afasta a perspectiva oprimente do fim dos tempos iminente” (VOLVELLE, 1996, p. 322)

Nesse novo contexto a morte continua no centro das atenções da vida cristã, mas as regras do jogo passam a se modificar. Por um lado, a morte domada ainda se sustenta como modelo a ser seguido e o cristianismo continua a ser essa “religião que, de todas as horas da vida humana, considera a última como a mais importante” (NIETZSCHE apud. NASSER, 2008, p. 105), chegue-se, até, a surgir um tipo específico de literatura cristã denominada *ars moriendi*, ou, literalmente, a arte de morrer<sup>3</sup>; por outro, a relação com o corpo morto passa por um período único em comparação ao que se tinha na antiguidade e o que se viria a ter na modernidade: o cadáver, agora, não só não é repulsivo, mas também é santo, miraculoso, capaz de curar enfermidades e trazer boa sorte.

---

<sup>3</sup>Cf. SHELDRAKE, 2005, p. 26

Novamente, por mais que a Igreja não incentivasse tais comportamentos eles se tornam extemporâneos às vontades do Vaticano, tais quais os enterros no pátio (ou agro), a aproximação dos cemitérios com as vilas e cidades e, em seguida, a transmutação dos cemitérios, antes simplesmente local para se enterrar os mortos, em legítimos centros de convivência, espaços sociais cada vez mais centrais na vida do homem medievo - passa a servir, também, de “foro, de grande praça e de passeio público, onde todos os habitantes da comunidade podiam se encontrar, se reunir, passear, para seus assuntos espirituais e temporais, para diversões e amores [...]” (ARIÈS, 2012, p. 86).

O próximo grande movimento histórico que leva a uma revolução na relação do homem medievo com a morte e seu signo é, em si, o declínio da própria Idade Média. As grandes navegações, o surgimento das feiras e das rotas comerciais, o desenvolvimento agrícola, o ressurgimento de estados nacionais centralizados, o aumento demográfico e ressurgimento das grandes cidades e as pestes... Enfim, o conjunto de fatos históricos que marcam a Baixa Idade Média e a transição à Modernidade, fez com que,

[...] medidas sanitárias fossem tomadas. Uma delas referia-se ao deslocamento dos cemitérios para fora das cidades, em função de sua insalubridade. *Do sagrado ao insalubre*. Os termos que a partir de então mediaram o indivíduo e a morte foram cada vez mais técnicos; a assepsia e a higiene, medidas a serem adotadas em todas as dimensões da vida humana. (TALAMONI, 2012, p. 32, grifo nosso)

Esse é, de certo, um ponto sensível e definidor para o tipo de relação que será estabelecida entre o homem da renascença — e depois da modernidade — e o cadáver e, conseqüentemente, como esse novo paradigma vai possibilitar o estabelecimento de novos ofícios relacionados à morte.

## **2.2 As profissões da morte, o anatomista**

Como visto anteriormente, a relação do homem com o cadáver sofre idas e vindas durante a cristandade antiga e medieval. Uma relação de repulsa e familiaridade dos antigos se torna, na Idade Média, uma relação de respeito, fascínio e até adoração e misticismo, enquanto o princípio da modernidade, com suas monarquias absolutistas, reurbanização e recrudescimento científico e artístico leva o cadáver a se colocar cada vez mais como uma questão de estado e saúde pública — atingindo grande liberdade no Iluminismo.

É importante ressaltar, nesse ponto, que os primeiros estudos rudimentares de anatomia são anteriores à própria cristandade, com registros consistentes de experimentos anatômicos ainda na Grécia antiga e existindo de maneira mais ou menos clara durante a antiguidade pós-Cristo através

de sujeitos como o médico romano Cláudio Galenor; movimentos que são interrompidos durante a Idade Média pela Igreja Católica, levando a um período onde a anatomia se restringe à dissecação de animais ou raros registros de práticas clandestinas. O primeiro registro, nesse novo período, de uma aula pública de anatomia data do ano de 1600. A primeira pintura retratando esse momento, por sua vez, é um quadro do holandês Aert Pietersz. Antes disso, ainda na virada entre os séculos XV e XVI já é possível encontrar os primeiros registros de sujeitos que obtiveram permissão para manipular e dissecar cadáveres — a exemplo do italiano Leonardo da Vinci que,

[...] by 1508, by his own reckoning, he had conducted more than 10 human dissections. Nine years later, this tally had risen above 30. But his study of the cadaver ‘del vechio’ (‘of the old man’), as Leonardo called him, rekindled his long-held obsession with the structure of the human body. In the years that followed, the pre-eminent polymath of the High Renaissance embarked on arguably the most exhaustive and insightful campaign of anatomical investigation ever waged in the history of medical science. (SOOKE, 2013)<sup>4 5</sup>

Mas é, enfim, o século XVII aquele em que a anatomia humana se coloca no centro do interesse de cientistas e artistas, muitas vezes caminhando juntos. É relativamente fácil encontrar pinturas ao longo de todo o século XVII retratando, exatamente, aulas de anatomia. Lição de Anatomia do Dr. Nicolaes Tulp (curiosamente, uma reprodução desta obra está presente na sala do Professor Carlos Alberto Vicentini, entrevistado para esse projeto-experimental), de Rembrandt (1606-1669), é um dos exemplares mais célebres; aqui podemos observar uma série de elementos que juntos fazem do quadro uma espécie interessante de arquétipo da Renascença: o interesse crescente de uma certa burguesia incipiente pelas ciências de maneira geral (e, em destaque, pela anatomia) dialoga de maneira direta com a arte da época, igualmente interessada pela anatomia humana e que vem em um claro movimento no sentido de uma produção cada vez mais antropocêntrica — e o que poderia ser mais antropocêntrico que homens estudando o homem? Mais, muito comumente esses trabalhos eram financiados pelos próprios burgueses entusiastas de arte e anatomia, os mecenas. Um ciclo perfeito, retroalimentado, de cientista e artistas com interesses congruentes.<sup>6</sup>

A maior liberdade do período e as movimentações pré-iluministas que pouco a pouco

4Em 1508, por sua própria conta, ele tinha conduzido mais de 10 dissecações humanas. Nove anos mais tarde, eram mais de 30. Mas seu estudo do cadáver 'del vechio' ('do velho'), como Leonardo chamou, reavivou sua antiga obsessão com a estrutura do corpo humano. Nos anos que se seguiram, o polêmico preeminente da Alta Renascença iniciou, de certo, a mais exaustiva e perspicaz campanha de investigação anatômica jamais travada na história da ciência médica. (tradução nossa).

5Disponível em <<http://www.telegraph.co.uk/culture/art/leonardo-da-vinci/10202124/Leonardo-da-Vinci-Anatomy-of-an-artist.html>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

6Para uma análise detalhada da obra de arte citada, cf. NABAIS, J. M., Rembrandt - o quadro A Lição de Anatomia do Dr. Tulp e a sua busca incessante pelo auto-conhecimento, *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, v. 7, 2008-2009, disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9417.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

amenizam o poder da Igreja não quer dizer, no entanto, que as práticas de estudo anatômico não enfrentassem, ainda, oposição e fossem cercadas de dúvidas, a maior parte atualmente bem resolvidas

A dessacralização do cadáver em decorrência de sua naturalização permitiu o surgimento da Anatomia patológica e o desenvolvimento de uma medicina “pré-científica”, a qual buscará indagar o cadáver. As duas teses principais dessa medicina se referiam: 1) à possibilidade da sobrevivência do cadáver; 2) à sensibilidade do cadáver. (...) A primeira tese foi negada com base no desenvolvimento da própria Anatomia patológica e, mais precisamente, na constatação dos processos de cadaverização e putrefação. A segunda tese, a da sensibilidade do cadáver, consistia em uma tentativa de compreender e explicar alguns fenômenos observados, geradores de muitas fantasias e medos, como os espasmos e as contrações musculares, mais precisamente as ereções; essa segunda tese deu origem a uma série de superstições, tais como a de que o morto “ouve e se lembra”, diluindo as fronteiras entre o natural e o sobrenatural. (TALAMONI, 2012, p. 34)

Em outros termos, o que se registra a partir desse momento é uma retomada do olhar do homem para si mesmo e o crescimento de uma filosofia invariavelmente individualista, tudo bem amparado por uma dessacralização lenta e contínua da vida nas cidades, das instituições, do Estado e do próprio corpo.

### **2.3 As profissões da morte, o tanatopraxista**

Paralelamente à naturalização dos estudos anatômicos todo o rito fúnebre, os cuidados e cerimoniais destinados ao cadáver continuam a se alterar. O cadáver, signo da morte, passa a ser, na Idade Contemporânea, cada vez mais objeto de desconforto e, ainda que a necessidade do sujeito ocidental de se despedir do ente através da cerimonialização do seu corpo continue relativamente constante, passa a existir um esforço no sentido de tirar do cadáver os elementos que fazem dele, ora, um cadáver.

A ver, faz-se, aqui, necessário, finalmente, pensar no processo em que o sujeito, após o falecimento, passa ser reconhecido como um cadáver. Em outras palavras, no instante em que um sujeito morre (imagine, por exemplo, o indivíduo que acompanha o pai moribundo num leito de hospital, aguardando o transpasse, e vê os aparelhos médicos indicarem o momento da morte) seu corpo não passa, imediatamente, a ser visto como um cadáver ou, se acontece, o corpo ainda fresco não causa repulsa imediata. Mas, de fato, a partir daquele átimo é justo presumir que o corpo inicia um novo processo,

A cadaverização é o processo de transformação do corpo morto em “corpo-cadáver”, verificada através de três sintomas tanáticos: a) esfriamento do corpo

(‘tanatomorfosis’), que se verifica nas primeiras três horas após a morte; b) rigidez cadavérica, na terceira e quarta horas; c) desidratação, sinais oftalmológicos diversos e lividez (manchas na pele), que começam a se manifestar a partir da terceira hora e desenvolvem-se por aproximadamente doze a quinze horas, quando o corpo entra em estado de ‘putrefação’. (TALAMONI, p. 15)

Temos aqui, então, uma nova problemática: o sujeito contemporâneo ainda quer, via de regra, se despedir do sujeito querido através de rituais que envolvem o cadáver, mas não quer, absolutamente, encarar as consequências naturais da cadaverização e da putrefação. Técnicas nesse sentido (de evitar a putrefação) não são, entretanto, filhas legítimas da nossa era. Do contrário, as mais diversas culturas milenares desenvolveram distintos processos de embalsamento: os babilônicos imergiam os mortos em mel; budistas do sudeste asiático cobriam seus monges com pó de serragem e terra e, então, ressecados, com tinta e prata; diversas culturas chegaram à conservação no álcool (PRINGLES, 2001). Mas, neste percurso histórico, sem dúvidas, foram os antigos egípcios que se fizeram sinônimo de conservação de cadáveres,

“As antigas sociedades que desejavam preservar os mortos e pôr um paradeiro em toda esta corrupção, como disse Aufderheide, tinham que achar um meio de quebrar a terrível cadeia da decomposição. Essencialmente isto significava desligar as enzimas. Existem duas maneiras principais de fazê-lo. A primeira delas é privar as enzimas da água que precisam para suas reações químicas. A segunda é destruir o exato ambiente químico de que necessitam [...] No antigo Egito, surgiu uma corporação especial de profissionais da morte. Conhecidos como embalsamadores, estes especialistas em desidratação tomaram o conhecimento básico da preservação de caça e de peixes e foram gradualmente aperfeiçoando-o até criarem uma elaborada tecnologia da imortalidade [a mumificação].” (PRINGLES, 2001, p. 39-40)<sup>7</sup>

Portanto, o que se passa é que, de maneira geral, uma série de técnicas de embalsamento eram conhecidas na Idade Média, mas são as necessidades da contemporaneidade que farão com que essas técnicas (de embalsamento) voltem a se desenvolver de maneira significativa apenas no século XIX, especialmente através de um sujeito chamado Jean-Nicolas Gannal (1791-1852), farmacêutico francês considerado o pai do embalsamento moderno e inventor da técnica de drenagem e substituição de fluídos chegando à fórmula composta por fenol, sulfato de creosoto, alumínio, acetato de chumbo e sulfato ou cloreto de zinco (TALAMONI, 2012). Estava, ali, a base da tanatopraxia moderna, investigada nessa série de reportagens através do texto perfil de Nina Maluf. Desenvolve-se, assim, um amplo conjunto de técnicas dedicadas ao trato do cadáver e que se deslocam em dois sentidos: retardar os efeitos da putrefação e tornar o mais agradável possível a estética do corpo morto.

---

<sup>7</sup>O comentário, entre colchetes, é nosso.

## 2.4 As profissões da morte, o médico

O quarto e último texto que compõe essa série se propõe ao exercício de discutir, através de relatos diretos de profissionais da saúde, a relação entre estes profissionais e a morte na nossa época.

Freud (1915) brinca com o adágio romano *Si vis pacem, para bellum* (algo como “se queres a paz, prepare-se para a guerra”) transformando-o em *Si vis vitam, para mortem*, ou “se queres a vida, prepare-se para a morte” (apud COSTA, 1988). Se preparar para a morte na sociedade atual (que pode, eventualmente, aparecer nas literaturas como ‘pós-modernidade’, ‘hipermodernidade’ ou, ainda, através da ideia ‘líquidez’) é um conceito de duplo significado: não raro aqueles que redigem seus testamentos ainda jovens ou ricos que pagam por caríssimos processos de criogenização que visam, afinal, a imortalidade. Não que a fuga da morte seja um fenômeno recente — vide os alquimistas e a busca pelo elixir da longa vida<sup>8</sup> —, mas a atitude diante da finitude passa a ser cada vez mais pelo caminho da negação,

O caráter transitório da vida, sua fragilidade e finitude, a incapacidade do homem de determinar a sua própria existência e a permanente ameaça da morte, pondo fim a todas as suas lembranças agradáveis, todos os seus prazeres presentes e seus maravilhosos plano para o futuro, envenenam a sua alma de ódio, roubam-lhe o ânimo e, o mais penoso, colocam-lhe diante de um profundo sentimento de impotência. (COSTA, 1988, p. 127)

Assim, a medicina passa a se colocar no centro de uma batalha eterna contra a morte, sendo o baluarte do que Ariès (2012) vai chamar de “morte moderna”. Segundo Bauman (2006), um dos sinais mais claros dessa nova relação homem-morte-medicina é que a morte chamada comumente de “morte por causas naturais” se torna cada vez mais inaceitável de constar em um laudo médico, “[...] se lhes faltar uma explicação alternativa, mais específica, certamente recorrerão a um exame *post mortem* para estabelecer a causa genuína (ou seja, imediata da morte. Sua incapacidade de encontrar essa causa seria depreciada como um atestado de inaptidão profissional”. Ora, se sempre existe uma causa (ou seja, a causa nunca é a mortalidade do homem em si), então há duas possibilidades: a) essa morte poderia ter sido evitada b) essa morte poderá — um dia, com os avanços médico-tecnológicos — ser evitada.

Um excelente representante desse novo jogo de relações entre médicos e a finitude de seus pacientes está nas unidades de tratamento intensivo (vulgarmente conhecidas pela *UTI*), essas sim um fenômeno relativamente novo, com a primeira unidade datando de 1926, em Baltimore, Estados Unidos, e os primeiros registros no Brasil sendo já da década de 1960. Em um texto publicado no

<sup>8</sup>Cf. HUTIN, 1971, p. 125-144

jornal Folha de S. Paulo, o articulista registra a seguinte situação: “Os médicos deste circo de horrores [a UTI]<sup>9</sup> têm um lema sinistro: No meu plantão, não!”<sup>10</sup>. A morte se revela, aos profissionais de saúde e, em especial, ao médico, como sinônimo do seu fracasso.

Tal situação cria um confronto inevitável entre a prática médica corrente e os defensores de que deve-se acreditar em antes importância de cuidados paliativos do que em uma luta incessante contra a morte,

A discussão em torno de uma “boa morte” na UTI é recorrente. Para os intensivistas, o ‘conforto’ ao paciente é fornecido pela intubação orotraqueal, pela ventilação mecânica e uso de sedativos. Tal condição se opõe ao que é priorizado na assistência em Cuidados Paliativos: manutenção da autonomia do paciente, controle da dor e dos sintomas, de preferência sem intervenções invasivas. O discurso sobre a produção de uma “boa morte” se centra na consciência da manutenção da identidade individual e na aceitação do processo do morrer. Contudo, a implementação, na prática, do modelo paliativista em UTI é complexa. Quando ocorre uma morte na UTI, geralmente é marcada pela vulnerabilidade e extrema dependência física do doente. (SILVA & MENEZES, 2014, p. 272).

São essas idiossincrasias que nos propomos a investigar na reportagem que encerra esse projeto-experimental.

### 3. Questões metodológicas

#### 3.1 A escolha pelo *online*, algumas questões

##### 3.1.1 O acesso à *internet*

A pesquisa TIC Domicílios de 2015 revelou que 58% dos brasileiros (a amostragem foi de 23465 domicílios) usam a internet. O número é o maior já registrado pelo instituto e representou um crescimento de 5% em relação aos números de 2014. Já a porcentagem de domicílios que possuem acesso fixo à rede mundial de computadores (*smartphones*, computadores de mesa e/ou portáteis e assinatura de algum serviço de banda) é de 51% — primeira vez que esse número é registrado acima dos 50%. Os números de acesso a rede cresceram, especialmente, entre a classe C, que hoje possui, estima-se, 47% dos seus domicílios conectados. O meio mais usado para acessar a rede é o celular, utilizado por 89% daqueles que responderam que acessam a internet regularmente.<sup>11</sup>

É inegável que o acesso à rede mundial de computadores ainda é elitista (97% dos domicílios de classe A possuem-no, contra 16% entre as classes D e E), mas, igualmente, os dados mostram com relativa clareza que essa é uma realidade em transformação e é cada vez mais

<sup>9</sup>O comentário, entre colchetes, é nosso

<sup>10</sup>DAUDT, 2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/franciscodaudt/2014/04/1434591-condenados-a-vida.shtml>>. Acessado em: 13 de fev. 2017.

<sup>11</sup>A pesquisa TIC Domicílios 2015 completa está disponível em: <<http://data.cetic.br>>. Acessado em: 13 fev 2017.



possível vislumbrar na produção de conteúdo para web uma produção acessível a um grande contingente de sujeitos.

Ademais, a publicação online abre possibilidades para a publicação gratuita, tanto da parte de quem produz quanto da parte de quem consome. Diferentemente do que acontece quando o suporte ao trabalho do jornalista é o livro impresso. Torna-se, cada vez mais, possível pensar na internet como um meio de comunicação popular.

### 3.1.2 O que é e por que o Medium

O Medium (medium.com) é uma plataforma online criada fundada pelo americano Evan Williams, um dos fundadores do Blogger (plataforma para criação de blogs depois adquirida pela empresa Google) e da famosa rede social de *microblogs* Twitter. Lançado em 2012, e oficialmente lançado no Brasil em 2016, o Medium se propõe a ser um híbrido entre uma rede social (combinando recursos castos ao Facebook e/ou ao Twitter) e uma plataforma de blog.

O funcionamento básico do Medium se dá através de usuários que, após cadastrados, possuem uma série de recursos preestabelecidos e de fácil manuseio para escrever e postar textos, podendo esses serem municiados com título, subtítulo, imagens, vídeos, capitulares, *hiperlinks*, citações em destaque e adicionar *tags* (marcadores que auxiliam os textos no sentido de chegar a um público interessado). O usuário que possui um perfil na plataforma tem a liberdade de *seguir* outros usuários, podendo a recíproca ser ou não verdadeira. Diferente do que acontece no Facebook e no Twitter, “[...] o Medium não pratica estrangulamento de audiência. Isso significa que um texto publicado por determinada pessoa ou publicação será distribuído integralmente para todos os seus seguidores” (BITTENCOURT & DEMORI, p. 8).

O usuário, ao se cadastrar, também tem a liberdade de assinalar entre assuntos predefinidos do seu interesse (exemplo: esportes, políticas, tecnologia); assim, forma-se a *timeline*, página inicial que o usuário recebe ao acessar o Medium onde é apresentado a ele a totalidade do conteúdo publicado por aqueles usuários que ele segue e também textos selecionados pelo logaritmo da plataforma através dos interesses demonstrados.

Além disso, os conteúdos possuem uma caixa de comentários onde cada resposta aparece como uma nova *história*, podendo essa nova história (o comentário ao texto original) receber respostas, que também constituem novas histórias que podem ser respondidas constituindo novas histórias *ad nauseam*.

Toda essa estrutura funciona de maneira orgânica dentro da plataforma, tendo como mote a ideia de um ambiente virtual que estimula os usuários a produzirem o que os criadores chamam,

usualmente, de histórias e conteúdos relevantes e, em troca, receberem o mesmo

Outro ponto sensível se dá em relação ao modelo de negócio da plataforma que, diferente da maior parte das redes sociais de alto alcance da atualidade, não possui nenhum tipo de publicidade direta, *pop-ups* saltando ao ecrã ou publicações patrocinadas. De fato, o Medium ainda não se provou financeiramente viável, embora estejam em curso testes com publicações assinadas; ou seja, após fidelizar o público o autor pode restringir o conteúdo a assinantes, com o preço mínimo de 3 dólares ao mês. A ausência de publicidade direta é uma questão latente ao próprio exercício do jornalismo. Bourdieu (1997) diz que “o campo jornalístico está permanentemente sujeito à prova dos veredictos do mercado, através da sanção, direta, da clientela ou, indireta, do índice de audiência” (apud MARSHALL, 2003, p. 24). Publicar no Medium é viver essa dupla relação entre publicar em um meio livre da pressão publicitária, mas, por outro lado, ter perspectivas parcas de monetização.

O Medium, ainda, se destaca por uma curiosa inversão aos valores comuns ao jornalismo digital: os mecanismos de controle de tráfego levam o autor a valorizar mais o engajamento provocado pelo texto que o número total de acessos e, além disso, todo texto possui logo no seu cabeçalho o tempo estimado em minutos que o leitor médio leva para ler aquele conteúdo na íntegra. Em outras palavras,

[...] o que importa é saber quanto tempo cada uma ficou no texto e o quanto rolou a barra de scroll - medidas irrelevantes para notícias curtas produzidas para atender a uma demanda de atualização frequente, como acontece em muitos veículos jornalísticos digitais. A porcentagem de leitura surge desse cálculo, e já se sabe que no Medium quanto mais viewers tem um texto, menor é a porcentagem de leitura. Isso acontece pelo tráfego gerado nos textos através do compartilhamento em sites como o Facebook, por exemplo. A circulação em outros espaços ajuda a saber quantas vezes um texto foi visualizado, mas o número de visualizações não corresponde efetivamente aos mesmos que o acessaram e fizeram a leitura completa. (BITTENCOURT & DEMORI, p. 9)

Assim, a opção pelo Medium para a publicação desse trabalho se dá por esse conjunto de fatores aqui explanados e, em especial, o conjunto de recursos visuais, a navegação que valoriza o texto longo e a ausência de publicidade ou elementos poluidores visuais.

### 3.2 O jornalismo *longform*

Fischer (2013) define o jornalismo *longform* como: “1) a level of in-depth reporting that goes beyond the everyday standard of production and/or 2) narrative storytelling that’s presented in an appealing way, often with multimedia elements to enhance the piece” (apud LONGHI &

WINQUES, 2015, p. 113)<sup>12</sup>

Os últimos anos vêm marcando, no jornalismo digital, a ascensão do texto de fôlego em meios online – comumente chamado de jornalismo *longform*. Esse movimento é especialmente curioso quando lembramos da opinião comum e de longa data de que a tela digital é um meio inapropriado e cansativo para a leitura de longa duração, além do fato de que a conexão à internet propicia uma série de distrações à leitura. Apesar disso, iniciativas como o Medium vêm mostrando uma outra perspectiva sobre os hábitos de leitura do internauta frente a textos de longa duração. Dados recentes mostram que um texto<sup>13</sup> publicado no Medium com tempo médio de leitura de 34 minutos obteve uma taxa de 25% de leitura completa. Os números, tendo em vista o tamanho do texto (que chegou, inclusive, a ser disponibilizado no formato de *e-book*), são, no mínimo, impressionantes. Mais: essa reportagem não possui um grande número de recursos multimídias (vídeos, fotografia e infografia, por exemplo, não se fazem presentes). Todo o alívio ao longo do texto se dá com um total de dez imagens estáticas, duas imagens animadas (vulgarmente conhecidas como *gifs*), aspas do próprio texto em destaque e capitulares.

Uma teoria possível é que a popularização de *phablets* (expressão usada para se referir a telefones celulares *smart* com pelo menos 5,5 polegadas de tela) e dos *tablets*, junto ao acesso às redes de internet móvel e a evidente portabilidade desses *devices* levou a um novo paradigma de leitura, onde cada vez mais pessoas se dispõem a consumir textos longos. Foi nessa crença e valendo-se da *interface clean* do Medium e na aposta no uso do *storytelling* que acreditou-se na possibilidade de produzir essa série de reportagens em um meio online.

### 3.3 A questão do *hiperlink*

Outra escolha realizada é pelo uso, relativamente intenso, de *hiperlinks* ao longo dos textos que compõem esse trabalho. Esse uso se relaciona com algumas questões, como a) aproveitar recursos que são inerentes e exclusivos ao online b) se apropriar desses outros espaços nas redes (imagens, artigos, notícias etc) no sentido de construir micronarrativas paralelas às principais, que são de leitura absolutamente livre, não fazendo imprescindíveis à boa compreensão do texto em si c) construir o que alguns autores, como Gómez-Escalonilla, chamam de uma estrutura de navegação arbórea, onde um texto chave possui “galhos” que podem ou não ser explorados.

Todavia, a utilização dos *hiperlinks* não é, absolutamente, livre de riscos,

---

<sup>12</sup> Em português, na tradução de Longhi e Winkes (2015): “1) um nível mais aprofundado de relato, que vai além do padrão cotidiano da produção (jornalística) e 2) narrativas atraentes, frequentemente com elementos multimídia, que realçam o artigo” (FISCHER, 2013).

<sup>13</sup> <https://medium.com/bang-bang/a-hist%C3%B3ria-do-trem-bala-brasileiro-f27235ccc4b7#.ygptrqkbbx>

Sea como fuere, hay que considerar que la hipertextualidad tiene sus aspectos positivos y también negativos. Permite relacionar datos como ningún otro tipo de discurso lo hace, reproduciendo con esa flexibilidad el comportamiento mental, pues los pensamientos actúan asociando datos de manera no lineal. Pero [...] se multiplica la posibilidad de que el lector navegue por su cuenta y encuentre, en su aventura otros textos que supongan una alternativa a la lectura propuesta. Y sigue avanzando en la navegación y ese avance hace imposible un camino de retorno. (GÓMEZ-ESCALONILLA, 2007, p. 197)<sup>14</sup>

### 3.4 O jornalismo literário

Do ponto de vista das escolhas narrativas e estéticas, todo o caminho traçado nos textos aqui defendidos é do que se aceitou chamar de “jornalismo literário”. Os motivos para assumir os riscos inerentes a essa escolha passam, primeiramente, pela crença que o tal jornalismo literário cria um espaço de experimentações e liberdade que é especialmente sedutor em um projeto de conclusão de curso; mais ainda sob a perspectiva de que não existe, exatamente, objetivos mercadológicos ou intenções monetárias nesse trabalho.

Em outras palavras, existe a intenção de trabalhar dentro de um locus em que a liberdade é a tônica, possibilitando o uso de recursos que são estranhos ao jornalismo mais casto ao século XX, aquele caucado nos preceitos de objetividade, uso do *lead*, pirâmide invertida, efeitos de imparcialidade e isenção e nascido, de maneira geral, no *hard news* da imprensa dos Estados Unidos da América (LAGE, 2005). Quando se permite escrever fora dessa zona consolidada a ideia é, também, se forçar a habitar uma outra, comum à literatura de ficção e onde inúmeros recursos estéticos e narrativos são comuns: o uso da primeira pessoa do singular como voz narrativa, a adjetivação, o texto descritivo, um certo comentarismo sem objetivos informativos claros, divagações verborrágicas e até mesmo ficcionalizações ilustrativas eventuais e devidamente assinaladas. O objetivo não é, com isso, transformar o jornalismo em literatura mas que,

Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude

---

<sup>14</sup> Seja como for, temos que considerar que a hipertextualidade tem seus aspectos positivos e também negativos. Permite relacionar dados como nenhum outro tipo de discurso é capaz, reproduzindo com essa flexibilidade o comportamento mental, pois os pensamentos atuam associando dados de maneira não linear. Porém [...] se multiplica a possibilidade de que o leitor navegue por sua própria conta e encontre, na sua aventura, outros textos que apresentem uma alternativa à leitura proposta. E que siga avançando na navegação e que esse avance torne impossível um caminho de retorno. (tradução nossa).

narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura mas de melodia. (PENA, 2006, p. 21)

Se trata, assim, bastante de um jogo de tentativas e erros; tenta-se aproveitar a oportunidade deste trabalho e a natureza abstrata do tema (em última análise, a morte) para flertar com técnicas próprias da literatura; em outro sentido é, também, um jogo de pequenas emulações oriundas das leituras realizadas nesses três campos (do jornalismo, da literatura e do jornalismo literário) e tentativas, ainda que infinitamente poucas, de trabalhar com essas inspirações: a verborragia em Norman Mailer; o comentarismo e as divagações em textos de não-ficção tal qual David Foster Wallace em seus Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo e Uma coisa supostamente divertida que eu nunca mais vou fazer; o uso intenso do relato da fonte como em Stvelana Aleksievitch; o gonzo em Hunter S. Thompson, entre outros. As especificidades de algumas dessas tentativas são tratadas adiante.

#### 4. Aspectos técnicos

Por se tratar de uma plataforma que mescla o conceito de blog com o de rede social, o Medium possui uma padronização estética relativamente intensa. Não é possível, por exemplo, escolher a tipografia do corpo texto, sendo sempre utilizada a *Georgia*, fonte serifada desenvolvida em 1993 por Matthew Carter e de propriedade da Microsoft Corporation. Igualmente, o corpo do texto sempre se apresenta em tamanho 16. Já os títulos sempre aparecem na tipografia não serifada *Arial*, em negrito e tamanho 30. Já as linhas-finas do título aparecem também em *Arial*, em um tom de cinza (em oposição ao preto do título e do corpo do texto), sem negrito e em tamanho 20.5.

Outro padrão da plataforma é de alinhamento do texto: sempre à esquerda, não possuindo opção de justificá-lo. A plataforma do Medium oferece duas possibilidades de “destaque”: uma que centraliza o trecho destacado e aumenta o tamanho da tipografia dos 16 habituais ao corpo do texto para 21 (mantendo o uso da *Georgia*), outro que mantém o trecho alinhado à esquerda e em tamanho 16 e apenas adiciona um traço preto vertical à esquerda do texto. A opção aqui foi para utilizar ambas as opções em ocasiões diferentes. O primeiro tipo descrito foi usado para destacar trechos do próprio texto, falas de entrevistados e também como forma de alívio ao texto corrido; o segundo foi utilizado para demarcar o uso de citações externas, por exemplo como *abre* dos textos.

Em relação às imagens, o Medium oferece quatro maneiras de utilizá-las: alinhadas às margens do texto, ‘estourando’ de maneira simétrica as margens do texto, sendo contornadas pelo texto ou ‘estourando’ até o limite da tela em ambos os lados, *widescreeen*. A opção, meramente estética, foi por esse último uso. Tendo em vista a não realização de trabalho fotográfico (em alguns

casos seria proibido, em outros simplesmente supérfluo), fez-se a opção pelo uso de ilustrações, realizadas por Victor Harabura, bacharel em História pela Unesp de Franca e discente do curso de Artes Visuais da Unesp de Bauru. Victor desenvolveu quatro artes que foram usadas para abrir os textos componentes desse trabalho. As ilustrações foram entregues em 1600 pixels de largura por 900 pixels de altura, com resolução horizontal e vertical de 300 dpi. No mais, optou-se por não usar imagens de arquivos ou terceiros, numa opção tanto ética como estética.

Ademais, fez-se a escolha pelo uso de capitulares no começo de cada texto e de subtítulos em negrito mantendo o tamanho regular.

## 6. Bibliografia

ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

LAGE, N. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

PIZA, D. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

COSTA, G.P. **Guerra e morte**. In: COSTA, G.P. (Org.). *Negação da morte*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1988. p. 125-135.

PRINGLE, H. **O mundo das múmias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002

VOVELLE, M. **As almas do purgatório**, ou o trabalho de luto. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

GÓMEZ-ESCALONILLA, G. **Aproximaciones al periodismo digital**. In: JIMÉNEZ, A.G. & RUBIO, P.R. (Org.). *Géneros informativos em la redacción periodística hipertextual*. Madrid: Editorial Dykinson, 2007. p; 189-207.

FREUD, S. **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosaq Naify, 2011.

MENEZES, R.A & SILVA, N.R. **“Se parar, parou”**: morrer em uma unidade de terapia intensiva do Rio de Janeiro em CTI. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 265-285, 2015. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v25n1/0103-7331-physis-25-01-00265.pdf>>. Acesso em 06 mar. 2017.

SOOKE, A. **Leonardo da Vinci: Anatomy of an artist**. The Telegraph. Londres, 2013. Disponível em <<http://www.telegraph.co.uk/culture/art/leonardo-da-vinci/10202124/Leonardo-da-Vinci-Anatomy-of-an-artist.html>>. Acesso em 06 mar. 2017.

NABAIS, J. **Rembrandt - o quadro A Lição de Anatomia do Dr. Tulp e a sua busca incessante pelo auto-conhecimento** em Revista da Faculdade de Letras. Porto, v. 7, n. 1, p. 279-296, 2008-2009. Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9417.pdf>>. Acesso em 06 mar. 2017.

CANAVILHAS, J.M. **Considerações gerais sobre o jornalismo na web**. Covilhã, 2001. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>>. Acesso em 06 mar. 2017.

LONGHI, R.R. & WINQUES, K. **O lugar do longform no jornalismo online**: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo em Brazilian journalism reasearch, v. 1, n. 1, p. 110-127. Disponível em <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/viewFile/693/621>>. Acesso em 06 mar. 2017.

NASSER, E. **Nietzsche e a morte** em Cadernos de filosofia alemã, n. 11, p. 99-110, 2008. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/64790/67407>>. Acesso em 06 mar. 2017.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de janeiro: Zahar, 2008.

TALAMONI, A.C.B. **No anfiteatro da anatomia**: o cadáver e a morte. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

BITTENCOURT, M.C.A & DEMORI, L. **Produção e circulação de conteúdos no Medium**: um exercício exploratório sobre alcance e aprofundamento, em XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, 2016. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1573-1.pdf>> Acesso em 06 mar. 2017.

MARSHALL, L. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.



Michael Barbosa [Follow](#)  
Jornalista pela Unesp de Bauru et cetera.  
Mar 8 · 10 min read

# DA MORTE & DO PÃO

Arte: Victor Harabura

## Da morte & do pão

Uma série de reportagens

*“A morte, tão poética porque toca as coisas imortais, tão misteriosa por causa do seu silêncio, deveria ter mil formas de se anunciar.”<sup>1</sup>*

*Cateline foi até o quarto carregando água, pão e sopa e viu que o marido, um sapateiro de 42 anos, continuava a tossir forte e a verter suor pela testa, estendido na cama de madeira, deitado sob as mantas de lã, com a cabeça virada para o oriente e protegido por um dossel já castigado pelo tempo. Olhou-o firmemente, de modo que nem o melhor analista da natureza humana seria capaz de detectar ali comiseração ou pena; apenas um quê estoico e resiliente. Fitou-o por alguns segundos sem oferecer-lhe de comer ou beber e percebeu que o homem tomava coragem para empreender o esforço necessário para que as palavras saíssem:*

*“Conseguiu falar com Barberousse?”, perguntou Philibert, se referindo ao clérigo da paróquia de Sainte-Marie de Cimiez, balbuciando, mas nada afoito e com a máxima placidez que se pode esperar de um moribundo.*



HiQPDF Evaluation 05/16/2017  
“Seu irmão conversou com ele. Disse que está a caminho”, respondeu Cateline.

“Ótimo. Eu espero. Chame os meninos”, e logo a esposa postou a vasilha e o cálice sob a mesa próxima à cama e deu as costas ao homem.

As crianças vieram em questão de minuto e se dispuseram em frente ao portal, aglomeradas. O primeiro a adentrar o quarto foi Benoît, o primogênito, que entrou e saiu cabisbaixo, não sem antes beijar a mão do pai, que pediu ao rapaz de treze anos de idade que cuidasse de todos. Em seguida veio Galin, de nove, e Diane, de onze, que repetiram o ritual. O último foi Aubert, que com seus sete anos de idade entrou engolindo um choro baixo, quase inaudível.

“Por que está chorando?”, perguntou Philibert, em uma voz falha mas num tom livre de concessões, enquanto o menino se retraía mais e mais, com o queixo já encostando no peito e os olhos mirando os próprios pés.

“Reponda-me, Aubert.”, insistiu o patriarca sem agressividade e aguardou por poucos segundos, “Não há motivo para lágrimas. Você tem sua mãe e seus irmãos. Partirei em paz e na graça de Deus. Reze por mim”, concluiu, estendendo a mão ao menino, que beijou-a e retirou-se.

Na meia hora que se seguiu Philibert conversou calmamente com a esposa, disse acreditar que Benoît estava pronto para cuidar da oficina junto ao tio e que não haveria de faltar pão e carne à mesa. Disse também que confiava plenamente na capacidade da esposa para manter a família unida e fiel; que a horta e o pequeno rebanho estavam em ótimas condições e que as poucas moedas guardadas no estábulo serviriam bem a alguma ocasião excepcional e que, se não fosse preciso, deveriam ser usadas para o dote de Diane. Por último pediu que, se possível, fosse enterrado no adro da paróquia em que rezavam a Santa Missa. A esposa assentiu todas as vezes e segurou a mão do marido a maior parte do tempo.

Quando Barberousse chegou Cateline deixou o homem e o pároco a sós. O padre logo iniciou o ritual, ouvindo os pecados do sapateiro, rezando por ele e recomendando sua alma a Deus. “Vá em paz e na certeza da graça, bom homem”, disse despedindo-se.

Após Barberousse deixar o casebre, Cateline retornou ao quarto e as crianças permaneceram nas duas horas seguintes amontoadas próximas à entrada.

“Creio que não há de tardar, Cateline”, disse com semblante de dor Philibert após um longo silêncio, “Não ouvi os sinos, mas sinto que está próximo. Adeus”, completou e cruzou os braços sob o peito, fazendo força descomunal para inspirar e expirar o ar uma última vez.

(A história acima é uma ficcionalização inspirada em estudos sobre o modo de morrer no Ocidente Cristão durante o período que chamamos de Idade Média. A principal fonte consultada a fim de gerar verossimilhança a essa ilustração foi a obra O homem diante da morte, do historiador francês

## Como [des]aprendemos a morrer ou: uma breve história do nosso jeito de partir

Se vivemos de modo tão distante de nossos antepassados, podemos dizer o mesmo de como morremos—e, mais ainda, sobre como tentamos, a todo custo, não morrer. A história do sujeito ocidental com a morte é a história de um relacionamento instável, de idas e vindas. A ideia de passar para lá nem sempre nos foi tão malquista quanto é hoje; e o cadáver nem sempre foi tão hediondo—mas já foi até mais.

O europeu antigo, e com isso estamos falando dos primeiros séculos cristãos, ainda lá na época do Império Romano, era um *habitué* malcontente quando o assunto era lidar com os mortos. A baixa expectativa de vida, as aglomerações nas grandes cidades somada às péssimas condições sanitárias (pense que Roma chegou a ter mais de um milhão de habitantes lá pelo nosso ano zero) e a enorme quantidade de guerras e invasões faziam da perda e do luto companheiros sempre presentes.

Os romanos e seus dominados choravam suas perdas e temiam os mortos e seus cadáveres. Temiam que eles sujassem a terra que plantavam e as águas que bebiam e que voltassem para atazanar os vivos; para cada preocupação havia uma solução, 1) estava até nas Doze Tábuas, “Que nenhum morto seja inumado nem incinerado dentro da cidade”, ou seja, enterrem ou queimem seus finados bem longe daqui, o que no caso dos romanos era enterrar na beira das estradas 2) veneração, rezas e, pelo menos uma vez por ano, algum sacrifício para mantê-los felizes, contentes e terminantemente, bem, mortos. E, em última análise, juntava-se o útil ao agradável: se resolvessem se levantar, pelo menos que tivessem uma boa caminhada pela frente.

Esse tipo de mentalidade, esse misto de medo e nojo, foi sendo rapidamente minada conforme crescia ali o número de cristãos e o poderio social e político da Igreja Católica; e lá pro fim do século V, com a queda do Império Romano do Ocidente, a Igreja vai se tornando o que existiria de mais sólido no mundo pelos mil anos seguintes. Logo começam a surgir as primeiras exceções a esse papo de não sepultar onde se planta e se vive: os santos e mártires passaram a ser encovados nas próprias paróquias.

Enquanto isso, na crônica da vida privada, em casas cada vez mais católicas, com cada vez mais pessoas vivendo em feudos e em relativo isolamento dos centros urbanos e das vilas, passa-se a morrer mais ou menos como se vivia: resignado. Muitos historiadores, a exemplo de Philippe Ariès, que escreveu umas mil páginas sobre isso e outras *cositas* em seu já citado *O homem diante da morte*, se referem ao morrer do homem de Idade Média como a *morte domada*.

*“[sobre o catolicismo] religião que, de todas as horas da vida humana, considera a última como a mais importante”<sup>2</sup>*

Philibert, o sapateiro protagonista da historietta fictícia que abre esse texto e que morreu aos 42 anos de tuberculose, não era um homem deprimido; ele não odiava sua vida, Cateline ou seus quatro rebentos. Philibert, na verdade, teve a única atitude possível e tolerável à época, aceitando de bom grado o destino traçado por Deus. Mais do que isso, morrer como Philibert morreu, ou seja, em casa, ao lado dos seus e com as devidas bênçãos, é um privilégio e sinal de graça divina. Pode ser difícil para nós, modernos, colocar em perspectiva a morte de Philibert, mas os relatos a que temos acesso indicam que não existia ali, no bom cristão da época, revolta ou resistência. Isso não significa que no primeiro espirro as pessoas deitassem e esperassem a foice, mas sim que a sociedade da época via na resignação frente ao inevitável uma atitude altiva, demonstração de fibra e fé. É importante pensarmos, também, que durante a maior parte daquele período a ida ao paraíso não era algum tipo de objetivo custoso, mas uma consequência natural e lógica da vida cristã.

Do outro lado dessa equação, morrer de maneira surpresa, dessas bobas e trágicas, *tropeçou e bateu a cabeça* era indício de castigo divino, a temida *mors repentina*. O mesmo se aplicava aos que morriam solitários — maldição. A única exceção se dava aos que padeciam nas guerras santas. Philibert morreu a melhor das mortes aos olhos do seu tempo. E pediu para ser velado na Igreja.

As exceções abertas aos corpos dos santos logo passaram a se estender aos fiéis, que desejavam ser enterrados *ad sanctos*, ou seja, próximo aos santos — e quando foi muito fiel para pouco santo, *apud ecclesiam*, na Igreja. Ter seu corpo próximo aos mártires garantia proteção física ao corpo — diferente de ser enterrado nos cemitérios à beira das pouco movimentadas estradas, entregue à própria sorte — e espiritual — uma vez que acreditava-se que os mortos aproveitavam-se das rezas feitas em homenagem a outros defuntos próximos. A exceção virou a regra e, ao longo do tempo, quando já não era mais possível enterrar todo aquele povo no entorno das paróquias, os cemitérios foram voltando às vilas e os mortos foram voltando ao convívio dos vivos.

E, se onde passa um boi passa uma boiada, a coisa foi ficando cada vez mais intensa até o Renascimento. Os cemitérios, outrora malditos, conta Ariès, viraram *simplesmente a grande praça*, local de convívio favorito dos medievos; mercadinhos, leilões, leitura de sentenças, reuniões de bairro; alguns possuíam até fornos de uso públicos e não possuíam, veja só, cadáveres — e nem por isso deixavam de ser chamados de cemitérios. Em outras palavras: a Igreja virou o cemitério e o cemitério virou o *shopping center* à moda medieval.

O corpo morto, por sua vez, passou a ser miraculoso. Ossos afastavam doenças, o suor estancava hemorragia, cadáveres eram cozidos para produzir águas medicinais e até a terra dos cemitérios ou a roupa dos mortos tinham suas utilidades... O paganismo e a cristandade se misturavam numa cultura que foi se tornando cada vez mais mórbida, ao ponto de ossos e crânios humanos serem comumente expostos em locais públicos.

O contramovimento viria, apenas, com o fim da própria Idade Média, o Renascimento e a Modernidade. O contramovimento é a volta ao antropocentrismo, ao homem devolvido a si.

*“A única coisa que não podemos e jamais poderemos visualizar é um mundo que não nos incluía visualizando-o”<sup>3</sup>*

*Não é como se eu fosse próximo do meu avô ou tivesse uma relação super afetuosa com ele. Não é isso. Tem nada a ver com isso. Ele tinha seus defeitos e eu cago de medo de cair em análises anacrônicas. Ele era um homem do tempo dele, talvez não o mais exemplar, mas, ok, eu respeitava o homem. Via nele personalidade, empáfia; admirava como ele destruía e reconstruía pequenos hábitos e convicções por motivos absolutamente cotidianos.*

*Mas não é sobre nada disso. Ele descobriu que estava com leucemia. Na verdade não descobriu. Pelo o que eu lembro meio que esconderam dele. Eu fui contra e acho até hoje que ele sabia o que estava acontecendo. E aí minha mãe me ligou, disse que ele estava mal, que eu devia ir visitá-lo, que depois que morre aí não adianta e eu fui. Peguei um ônibus até Ribeirão Preto e depois outro até Mococa. Cheguei na casa, comprimentei todo mundo, comi, sentei ao lado dele na cama, conversei faticamente, perguntei como ele se sentia, tentei ser amável, reparei no esfacelamento da pele escura de sol e manchada e em como sobrava derme naquele braço agora magro. Ele estava todo magro demais. Nem sombra do homem que almoçava duas vezes, que acordava para urinar e acabava assaltando aleatoriamente a geladeira. Eu me despedi, forjei uma volta com a cachorrinha, desculpa para fumar um cigarro, e voltei em tempo para acompanhar atônito a cena dele passando mal e sendo levado à UTI da Santa Casa de Mococa.*

*Visitei-o no dia seguinte. Lembro da antesala da UTI, tinha esse recorte de jornal pregado no mural com essa coluna da Folha, do Francisco Daudt, o título era “Condenados à vida” e ele fazia um ataque a essa ideia de impedir a morte a qualquer custo, uma certa compulsão médica em impedir a morte; citava plantonistas que saíam gritando que no meu plantão não!, e eu fiquei ali, achando meio funesto, porém oportuno, que aquilo estivesse naquele quadro de cortiça como leitura sugerida a parentes aflitos. Vi meu avô vivo pela última vez entubado naquela sala de UTI. Troquei a última conversa da véspera por aquilo.*

*Minha mãe chegou de uma viagem de 3 mil quilômetros no dia seguinte, um pouco depois do almoço e na companhia do meu irmão mais novo. Por algum motivo só estávamos nós três na casa e eu atendi o telefone. Entre sete filhos, três irmãos e outros sete netos, eu atendi.*

*“Sou neto dele”, respondi à moça que se identificou como sendo do hospital.*

*“Seu avô faleceu há pouco”, ela replicou firme, “sinto muito”.*

A minha resposta imediatamente seguinte não existe com precisão na minha memória, mas foi alguma coisa sobre garantir que eu informaria todo mundo que precisava ser informado. Respirei fundo, caminhei os cinco metros entre a sala e a cozinha e olhei para a minha mãe embargado, cerrando os dentes, contraindo os lábios um contra o outro e engolindo seco; parei por um instante na esperança de que não precisasse falar, mas ela continuou só me olhando; avancei perto o bastante para dizer baixo o vô morreu, mãe e abraçá-la logo em seguida.

(A narrativa acima é real e pessoal, baseada em acontecimentos de 2014)

A morte e o morto na nossa época e histórias sobre alguns sujeitos que vivem, nas suas profissões, esse universo, é o assunto dos três textos *linkados* a seguir. Não se trata, propriamente, de um trabalho de investigação, mas mais de uma tentativa ínfima de exercer um breve estudo de caso sobre o nosso jeito de morrer e nossas relações com a existência incômoda e inevitável do cadáver. Essas publicações são, no seu todo, também, o meu trabalho de conclusão de curso em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista, a Unesp.

- [Lá no lab de anato](#)
- [Nina, Rainha da Tanato](#)
- [O Médico e o Morto](#)

Notas de referência:

1— François-René de Chateaubriand, O gênio do cristianismo, 1802; 2— Friedrich Nietzsche, Considerações Extemporâneas, 1876; 3— Zygmunt Bauman, Medo Líquido, 2006.

Todas as artes são de Victor Harabura.

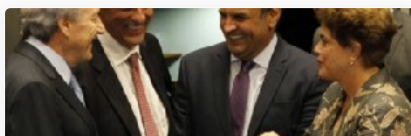
Morte História History Vida



**Michael Barbosa**

Jornalista pela Unesp de Bauru et cetera.

Follow



More from Michael Barbosa

**Breve comentário sobre o engenhoso...**



Michael Barbosa  
3 min read



Also tagged History

**These photos of the grime subculture in...**



Rian Dundon  
4 min read

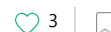


More from Michael Barbosa

**O Médico e o Morto**



Michael Barbosa  
14 min read





Never miss a story from **Michael Barbosa**, when you sign up for Medium. [Learn more](#)

*HiQpf Evaluation 05/16/2017*

GET UPDATES



Michael Barbosa [Follow](#)  
Jornalista pela Unesp de Bauru et cetera.  
Mar 10 · 12 min read



## NINA RAINHA DA TANATO

Arte: Victor Harabura

### Nina, Rainha da Tanato

Nina Maluf, 30 anos, quatro filhos e uma das maiores referências em tanatopraxia do país

*“Essas transformações das primeiras horas se dão lentamente e com tal consistência que há um quê de ritualístico nelas, como se a vida capitulasse diante de regras determinadas, um tipo de gentlemen’s agreement que os representantes da morte respeitam enquanto aguardam a vida se retirar de cena para então invadirem o novo território. Por outro lado, é um processo inexorável. Bactérias, um exército delas, começam a se alastrar pelo interior do corpo sem que nada possa detê-las. Houvessem tentado apenas algumas horas antes, e teriam enfrentado resistência cerrada, mas agora tudo em volta está calmo, e elas avançam pelas profundezas escuras e úmidas.”<sup>1</sup>*

(Esse texto faz parte da série de reportagens [Da morte & do pão](#))

Imagine, por um momento, um sujeito que segura num quarto de hospital a mão do pai, velho e doente, em seu leito de morte. Tubos e fios prendem o homem moribundo à sua existência, enquanto o rapaz aguarda calmamente o sopro da morte. O *display* próximo à cama mostra os sinais vitais fraquejarem, indicando a queda gradual do ritmo cardíaco. Sistema

de alarme acionado, a enfermeira chega ao quarto em segundos e, juntos, enfermeira e filho, conseguem, numa troca de olhares, dizer um ao outro que eles sabem que aquilo não é uma parada cardíaca, mas simplesmente o fim da vida. A partir daquele momento, o velho é, tecnicamente, um cadáver, mas o filho deita a cabeça sobre o peito do pai, sem sombra possível de nojo, levanta e beija-o a testa. O que faz de um cadáver um cadáver? Em que momento o corpo morto se torna impossível, indesejado, podre e sujo?

*“A cadaverização é o processo de transformação do corpo morto em “corpo-cadáver”, verificada através de três sintomas tanáticos: a) esfriamento do corpo (‘tanatomorfosis’), que se verifica nas primeiras três horas após a morte; b) rigidez cadavérica, na terceira e quarta horas; c) desidratação, sinais oftalmológicos diversos e lividez (manchas na pele), que começam a se manifestar a partir da terceira hora e desenvolvem-se por aproximadamente doze a quinze horas, quando o corpo entra em estado de putrefação”<sup>2</sup>*

Um corpo morto só é, mesmo, um cadáver quando combina alguns fatores. Tem que ser gelado, duro e feder. Ele é um cadáver quando deixa claro que está seguindo sua sina e apodrecendo. É mais ou menos nesse campo que reside uma contradição inevitável: queremos nos despedir de nossos parentes e amigos frente a seus corpos mortos, mas não queremos que eles se pareçam com o que são, cadáveres, e sim que sejam símbolos, simulacros perfeitos do que costumavam ser, nossos parentes e amigos.

No Brasil, a solução mais comum para essa encruzilhada é a mais simples, o velório deve ser o mais logo possível. Mas e quando o IML demora a liberar devido a envolvimento policial?, e quando a pessoa morre em outra cidade, estado ou até país?, e quando existe uma coisa ou outra — um buraco no rosto acidentado na batida de automóveis, um corte no pescoço agredido no latrocínio — inconvenientemente lembrando que ali está a morte? Aí entra Nina Maluf, 30, tanatopraxista e dona da Thanatology Capacitação Profissional, uma escola de cursos livres na área funerária.

O apartamento onde eu encontro Nina num sábado chuvoso é um desses clássicos paulistanos. Localizado no tradicionalíssimo bairro do Brás, o número indica uma dessas portas adjacentes a um comércio e em que o interfone é a única opção. Chego quatro minutos antes das 14h e, um pouco sistemático, um tanto nervoso e outro tanto disposto a dar mais alguns tragos no meu cigarro, decido esperar a máxima pontualidade para tocar no botão do apartamento no primeiro andar em que mora, na verdade, a mãe da minha entrevistada. Antes que consiga levar meu plano a cabo, uma jovem senhora de cabelos brancos chega ao meu lado e pergunta onde estou indo, respondo e ela vai tocando o interfone, *Nina, o... Qual seu nome? O Michael... O jornalista, tá aqui, tô subindo com ele.*

Na subida pelas escadas penso na minha imagem pré concebida sobre Nina, basicamente fruto da leitura de algumas de suas entrevistas à mídia (da Folha de S. Paulo a uma participação de halloween no *talk show* capitaneado por Danilo Gentili no SBT) e em meia hora de *stalkeada* no perfil de Nina no Facebook, composto, em boa parte, por pequenos e



médios ataques ao geral do conceito de *esquerda* e seus adeptos (incluindo-se aí, especialmente, o movimento feminista), a quem Nina se refere como *os esquerdinhas* (e o que me leva ao cuidado na manhã daquele dia, ainda em Bauru, de aparar a barba e me vestir de maneira absolutamente neutra, calça, camiseta básica cinza e tênis esporte, somado à sorte de ter cortado o cabelo não há muito tempo, num esforço curioso e inédito de não parecer muito um *esquerdinha*, *he-he*). Na subida, enquanto torço para estar parecendo alguém neutro, acabo por cruzar com Victor Aderno, um dos professores da Thanatology; cabelos negros e compridos, estilo *rocker*, barba milimetricamente desenhada formando pequenas lanças pelo rosto; ele passa por mim, eu passo por ele, ele não percebe que eu sou o tal *jornalista* que ele estava indo receber etc. No apartamento encontro Ellen Narciso, cabelos vermelhos e que prefere ser chamada pelo codinome Felina, além de fazer dupla com Victor como professores titulares na subsele paulista da empresa e ter sido meu contato no agendamento da entrevista; o marido de Nina, Vinícius Cunha, gaúcho, pele morena, barba e cabelo aparados e, no geral, um visual discreto. A mãe de Nina leva as crianças—Nina tem quatro filho e está grávida do quinto; além de uma enteada, filha do marido—para tomar sorvete. Ficamos, assim, nós cinco e mais dois belos cachorros brancos e felpudos na sala do apartamento.

A tanatopraxia, grande área de Nina, é o conjunto de técnicas aplicadas ao cadáver e localizada no espaço entre a morte e o velório. Os objetivos estão, principalmente, em dois campos, sendo 1) sanitário e higiênico, onde substitui-se o sangue e demais fluidos corporais por uma mistura de compostos químicos, de modo a retardar o processo de putrefação, garantindo que o corpo não será um risco nem à saúde nem às narinas dos presentes 2) estético, reconstruindo a face de acidentados, maquiando defuntos a fim de reaproximá-los à imagem dos vivos, costurando cortes etc.

Cumprimento Nina—resfriadíssima, cabelos pretos, tatuagens—no sofá e peço para ela me contar como conheceu a morte; ao que ela começa revelando um notório *gauchês* adquirido com o tempo (Nina vive entre Gravataí e São Paulo, sedes da Tanathology) pela paulistana da Zona Norte, “um rapaz morreu na porta de casa, eu morava na periferia, saí correndo e fui olhar... Meu avô *me juntou*, eu tinha oito anos, e me pôs *pra* dentro de casa, brigou comigo. Aquilo ficou na minha cabeça; eu queria entender o que tinha acontecido—e ninguém me explicava”, conta. O avô de Nina, técnico de anatomia da Universidade de São Paulo (USP) teve a ideia, levar a menina para conhecer seu local de trabalho, “lembro até hoje, um sábado de manhã, ensolarado, um dia lindo (...) eu lembro que ele abriu a sala e aquele cheiro de formol, e ele me mostrou os tanques, um com braço, outro com perna... Eu fiquei encantada. E quando eu saí de lá perguntei como que era o nome do profissional que mexia com morto; ele me disse que era o legista. Saí de lá falando que queria ser legista e meu pai achando que eu era louca, me colocou pra fazer terapia—fiz uns anos—, meu pai achando que eu era *xoroca*”, continua entre tosses, espirros e risadas, se comunicando com uma naturalidade e confiança que ora intimida, ora apenas impressiona.

Nina segue contando que levou a vontade de menina à vida e quando se viu

na iminência de começar uma faculdade, fez biomedicina pensando na pós-graduação em estudos da morte na USP, comandada pela Doutora Maria Júlia Kovács, sempre centrada em seguir carreira no setor funerário, mesmo contra a vontade da família. Entre cursos e estágios passou pela enfermagem, acreditou na possibilidade de trabalhar com cuidados paliativos, acompanhar o paciente dos seus momentos finais ao sepultamento, mas acabou desistindo (“não deu muito certo, pessoal achou que eu ia tropeçar nos fios de propósito, *ha-ha*”). Trabalhou, também, no IML, em funerárias, deu aulas — e existe algo de abismal em ver Nina ali falando ciente de seus míseros 30 anos de idade — e acabou decidindo por abrir sua própria escola, seis anos atrás.

A maior parte da conversa, enquanto Nina fala, eu, seu marido e seus dois amigos e funcionários, basicamente, ouvimos. Tem algo que remete a uma apresentação em tanta eloquência e certa inevitabilidade em não ver um quê de arrogância, mas quase sempre é suprimido pela capacidade de Nina de colocar doses exatas de conhecimento de causa e humor negro em cada pequena história. Ela conta dos alunos que acaba por atrair e não vingam — “tem gente que fica assim ‘aaaaaaah, *tadinho*’, um bebê, o bebezinho...’, aí fica querendo pegar no colo, olhar... Cara, não funciona. ‘Ah, criança, beleza, cinco meses... Morreu do que? Sei lá... Tuberculose. Vamos mexer, então. Tem que ser prático. Isso não significa que eu não sinta nada, eu tenho filhos!; isso não significa que sou uma pessoa fria, apática. Tem nada a ver com os sentimentos que eu tenho. Tem a ver com... Aquilo ali é um trabalho. ‘Ai, era uma *vidinha*’, ‘ai, a mãe, o papagaio, o periquito’... Esquece! É isso que o pessoal não entende” — e usa um dos recursos favoritos da sua ótima retórica: emular pequenos diálogos semi-ficcionais, espécie de *fanfics*, ilustrações cômicas, exageradas, de conversas que não necessariamente efetivamente aconteceram, mas que, bem, poderiam ter acontecido, ou meio que aconteceram. E ela é ótima nisso.

*“Tem que ser prático. Isso não significa que eu não sinta nada, eu tenho filhos!; isso não significa que sou uma pessoa fria, apática. Tem nada a ver com os sentimentos que eu tenho. Tem a ver com... Aquilo ali é um trabalho. ‘Ai, era uma vidinha’, ‘ai, a mãe, o papagaio, o periquito’... Esquece! É isso que o pessoal não entende”*

A certa altura pergunto a Nina de quando um caso mexeu com ela, “foi o caso de uma menininha de 3 anos, foi violentada pelo padastro, ou era pai, não lembro, e quando a mãe foi fazer o reconhecimento do corpo ela olhou e disse assim ‘eu sabia que ele fazia isso, mas não imaginei que ele iria matar’ [fica em silêncio] a hora que ela falou isso, para mim deu, eu subi em cima dela e enchi ela de porrada... Aí foi meu chefe me tirar de cima dela, precisou de umas quatro pessoas... Eu fiquei com muita raiva... Ela sabia o que tava acontecendo”, no caso que, inclusive, fez Nina ser arrolada no processo penal referente ao homicídio.

Porém, Nina realmente espuma quando o assunto é o setor funerário (“é um setor que tem muita gente *filha da puta*, muita gente ruim”) e descreve uma realidade pautada por uma área extremamente masculina (diz conhecer coisa de dez mulheres efetivamente atuantes), machista (ainda que nunca chegue a usar o termo) e frequentemente habitada por pessoas desonestas, como no que seria uma de suas primeiras entrevistas para televisão, um episódio do programa Tabu Brasil, da National Geographic, e um de seus alunos acabou dando a entrevista no seu lugar como se fosse um profissional experiente (“se eu ver na rua acho que dou na cara dele”).

Nina mantém o tom e o humor independente do assunto, “olha, eu tive contato direto uma vez só. E eu peguei tanto asco daquele cara, achava aquilo tão nojento que... Ele olhava pro corpo que parecia um pedaço de carne. Bem, era um pedaço de carne... Mas era um pedaço de carne suculento *pra* ele... E aquilo, nossa!, me *irritaaaava*, de um tanto, que eu falei ‘chega!’, troquei de plantão. Ele foi exonerado do cargo, pegaram ele fazendo alguma gracinha. Foi exonerado do IML... De resto a gente escuta história. Mas eu acredito que tem uma parcela bem gorda de agente funerário que gosta de... Uma gracinha”, quando perguntada sobre necrofilia, admitindo que os cursos na área podem acabar por atrair necrófilos em potencial.

Nina conta, também, a realidade de um setor desregulamentado. Agentes funerários têm o piso salarial de vendedores e CNPJ e um laudo da vigilância sanitária é, basicamente, o que um *picareta* precisa para abrir uma escola na área (“agora eu sou dono de uma escola, *êêêê*— e fica por isso”, ou: “qualquer *mané*, qualquer BABACA, pode abrir uma escola. O problema é você dar um ensino de qualidade”), mas nem por isso Nina é defensora de uma ampla regulamentação da área, o que ela acredita que levaria grandes profissionais a demissões e a um desequilíbrio no mercado — bastaria sindicatos fortes e atuantes, capazes de estabelecer pisos estaduais justos e condizentes.

A certa altura, quando a conversa fica um pouco mais pessoal e começamos a falar sobre preconceito, Nina conta que sua avó, por mais de um ano, não admitiu que ela cozinhasse; já Vinícius fala com humor e alguma dor sobre a infâmia com que é tratado quando no comando da churrasqueira pelos lados dos pampas, “falam ‘ah, de carne você entende’, ‘trouxe da funerária essa [carne] *daí?*’... Até na hora de passar o chimarrão ficam desconfiados... Eu me acostumei, levo na brincadeira. Na hora da dor eles vêm nos procurar”. O que lembra Nina de um episódio (ainda no subtema *churrasco*) em que a esposa de um agente funerário se negou a comer da carne preparada em uma clássica confraternização *da firma*.

*“Falam ‘ah, de carne você entende’, ‘trouxe da funerária essa [carne] daí?’... Até na hora de passar o chimarrão ficam desconfiados... Eu me acostumei, levo na brincadeira. Na hora da dor eles vêm nos procurar”*

Nina, paulistana, e Vinícius, gaúcho, se conheceram, exatamente, em um dos cursos, ele aluno, ela professora; hoje estão casados. Fórmula perfeita para uma mulher tanatopraxista, como deixa claro Felina, “esse preconceito dentro dos casais é mais forte ainda quando é a mulher que trabalha no ramo e o marido não. Eu conheci mulheres que os maridos se separaram. Simplesmente não aceitaram. Tipo, ‘se você trabalhar com isso, eu vou te deixar’, ela continuou e ele deixou ela e as duas filhas”, em mais um momento de questões de gênero.

Filhos (os quatro) é um dos assuntos que mais empolga Nina, orgulhosa pelos caminhos pedagógicos que adotou nas tensões que poderiam existir entre a sua profissão e a infância, “eu crio eles de forma a entender que a morte é uma coisa natural. Então eu não quero que eles criem ‘ai, meu deus, trabalha com morto”; o que não impede algumas histórias especialmente deliciosas, “uma vez eu fui chamada na escola porque um deles desenhou um caixão, aí veio a professora ‘porque sua filha precisa de um psicólogo’, tá, mas explica, ‘quero que você veja esses desenhos’, aí eu vi era o Cemitério do Araçá [necrópole centenária localizada na capital paulista]... A gente tinha feito um evento aqui em São Paulo, ela desenhou o evento, que ela tinha achado o máximo. Fez um puta *dum* desenho do cemitério: muro, as árvores... E o outro ela fez um monte de caixão porque ela tinha ido num velório comigo e ela gostou. A professora tinha dito, ‘desenha o que vocês fizeram de legal no final de semana *ha-ha-ha*. Não pergunta pros meus filhos o que eles fizeram de legal no final de semana”, conta, deliciando-se, para, em seguida, criticar a falta de diálogo sobre a morte com os pequenos.

“A rotatividade é muito alta, nem todo mundo consegue se adequar; os plantões são chatos, o tipo de trabalho é chato. As pessoas se iludem com o que veem na internet”, conta Ellen quando o assunto descamba para a alocação dos alunos formados no mercado de trabalho (a constar, o curso dura 4 dias, exige Ensino Médio completo, custa dois mil reais e dá quatro certificações: necromaquiagem, tanatopraxia, reconstrução facial e ornamentação) e Nina comenta que estima que cerca de 90% dos formados não seguem na área, grande parte por falta de querer ou condições psicológicas ou porque percebem que só fizeram o curso por vontade de ser, palavras de Nina Maluf, *diferentões*.

Quando lá pelas tantas o papo passa ser sobre as brincadeiras e sustos, comuns especialmente em meio a plantões [a exemplo de colocar uma múmia (!) em cima da mesa enquanto um novato ia ao banheiro], a chuva do lado de fora se intensifica e, entre raios e trovoadas, um vento forte joga uma pesada janela de madeira contra a minha cabeça; Nina me assusta com um grito de “cuidado!”, o que me leva a desviar em tempo e Vinícius interferir, “Quase que a gente já tem um corpo”, todos riem e Nina completa, “É, aí você ia ver como ia ficar bom o seu trabalho, *ha-ha*”.

Também compõem a série de reportagens Da morte & do Pão:

- Como [des]aprendemos a morrer ou: uma breve história do nosso jeito de partir

- Lá no lab de anato *HiQPdf Evaluation 05/16/2017*
- O Médico e o Morto

Notas de referência:

1—Karl Ove Knausgård, A morte do pai: minha luta 1, 2009; 2—Ana Carolina Talamoni, No anfiteatro da anatomia, 2012

Morte Historias Vida Tanatopraxia Jornalismo

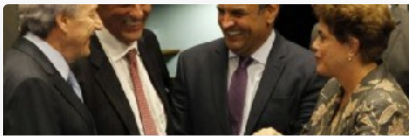
♥ 4



**Michael Barbosa**

Jornalista pela Unesp de Bauru et cetera.

Follow



More from Michael Barbosa

**Breve comentário sobre o engenhoso...**



Michael Barbosa  
3 min read

♥ 2 | 📌

More from Michael Barbosa

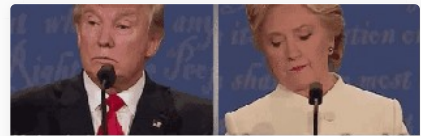
**A discussão da ironia e uma das mais...**

Um ponto interessante entre dezenas, nesse...



Michael Barbosa  
2 min read

♥ 1 | 📌



More from Michael Barbosa

**A vitória de Trump é a vitória do...**



Michael Barbosa  
1 min read

♥ 2 | 📌



Never miss a story from **Michael Barbosa**, when you sign up for Medium. [Learn more](#)

GET UPDATES



Michael Barbosa [Follow](#)  
Jornalista pela Unesp de Bauru et cetera.  
Mar 10 · 13 min read

# LÁ NO LAB DE ANATO



Arte: Victor Harabura

## Lá no lab de anato

Coisas que aprendi em um laboratório de anatomia

*“Ao curvar-te com a lâmina rija de teu bisturi sobre o cadáver desconhecido, lembra-te que este corpo nasceu do amor de duas almas; cresceu embalado pela fé e esperança daquela que em seu seio o agasalhou, sorriu e sonhou os mesmos sonhos das crianças e dos jovens; por certo amou e foi amado e sentiu saudades dos outros que partiram, acalentou um amanhã feliz e agora jaz na fria lousa, sem que por ele tivesse derramado uma lágrima sequer, sem que tivesse uma só prece. Seu nome só Deus o sabe; mas o destino inexorável deu-lhe o poder e a grandeza de servir à humanidade que por ele passou indiferente.*

*Ao cadáver, respeito e agradecimento.”<sup>1</sup>*

*“(…) Minha avó doou seu corpo para uma escola de medicina, para ser examinado e dissecado; o que é uma boa ação. Mas, sabe, para os que ficam, a família, aquilo era uma pessoa. Era a minha avó. Ela usava óculos e dizia coisas. E agora está careca, deitada em uma cama de metal, com um estudante de medicina de ressaca tentando remover o seu pâncreas. E ele tira um F. Imagine ser o corpo que um garoto tirou um F. O professor diz: ‘Não, seu idiota!’, escreve um F no peito e a joga na pilha*

(Esse texto faz parte da série de reportagens Da morte & do pão)

Sob os olhos do Professor Vicentini e minha observação atenta, Amaral retira do nível mais baixo da prateleira metálica uma espécie de *tupperware* gigante — um baú plástico transparente com duas travas coloridas nas extremidades prendendo o corpo à tampa — e coloca-o em cima de uma enorme cuba de *inox*; o *click* duplo, quase simultâneo, revela de vez o conteúdo da caixa: um braço escalpelado, que eu apostaria com alguma convicção que um dia pertencera a um sujeito forte e de musculatura notável — à parte o fato óbvio de que minha total inexperiência com membros humanos desassociados e sem pele pode ter me traído. Diferente do que poderia nos sugerir o senso comum, o braço não se encontra mergulhado em formol. Ele (o braço) repousa levemente na diagonal, desconfortável com o fato de não se encaixar perfeitamente às medidas disponíveis no receptáculo; as unhas grandes e encardidas pressionadas contra a parede do pote e os dedos contraídos; tudo absolutamente seco desde que a Unesp autorizou a verba para iniciar o processo de substituição do formol — tóxico — pela conservação em glicerina.

O Professor aponta, com a consciência de um cientista e docente experiente, que sabe conversar com desenvoltura e didática com um ignorante como eu, onde fica o bíceps e, enquanto isso, por um curto, mas intenso, momento, inebriado pelo cheiro forte de formol, que faz minha pressão cair, meu estômago vazio entoar e meus olhos sofrerem leve lacrimação, eu só consigo verdadeiramente me concentrar na incrível semelhança que aquele braço, com seus *fiões* de musculatura levemente espaçados, possui com uma peça de carne seca bovina.

### **O Professor Vicentini**

Após um primeiro contato por email, o Professor Doutor Carlos Alberto Vicentini — ao qual vou me referir, ao longo desse relato, como Professor Vicentini (e faço isso menos por ter a informação de que o Professor Vicentini seja, efetivamente, chamado assim por seus pupilos que pelo fato de a sonoridade me agradar bastante e por acreditar piamente que chamá-lo assim corrobora de maneira interessantíssima com a pessoa, docente e profissional da ciência que ele me pareceu ser) — me telefona enquanto eu almoço; pergunta se tenho disponibilidade para encontrá-lo no Departamento de Biologia da Unesp de Bauru às quatro da tarde daquele mesmo dia e me informa de antemão que eu não posso fotografar o espaço do laboratório que almejo conhecer. Respondo que não tenho a intenção de trabalhar com fotografias e desligo sem saber ao certo se nosso encontro servirá para eu entregar uma carta de intenções ou se está tudo certo e eu vou fazer um *tour* pelo mundo dos que se dedicam, na morte, à ciência.

“Desculpa pela bagunça”, começa o Professor Vicentini, utilizando a comunicação nessas suas funções invariavelmente fáticas, ciente de que sua sala não está, de fato, bagunçada. O Professor se veste de maneira austera: sapato, jeans azul escuro e camisa social azul celeste da francesa Lacoste,

engomada e bem passada. O cabelo pouco farto é perfeitamente aparado e casa bem com um cavanhaque que vamos chamar de ‘clássico’ — ou, ao menos, é o resultado mais comum quando buscamos por *cavanhaque* na pesquisa de imagens no Google, ainda que não seja exatamente o tipo de cavanhaque que o general francês oitocentista Louis Eugène Cavaignac usava. O visual austero, num sujeito alto, que a alguma distância passa um quê taciturno, rapidamente causa um contraste delicioso com um falar calmo, erudito, pausas e hesitações nos lugares exatos, ritmo e fluência; é um falar, com toda a certeza, doce.

### “A forma é a imagem plástica da função”

“A forma é a imagem plástica da função”, me diz o Professor, citando o histologista italiano Angelo Ruffini. A impressão, no geral, é de que tudo sobre aquele encontro foi previamente calculado pelo acadêmico que me recebe na sua sala; existe um trajeto a ser percorrido antes que ele me leve para conhecer o laboratório da anatomia. Professor Vicentini me mostra seu *lattes*, fala da sua formação e aponta os diplomas nas paredes do seu escritório: a graduação em ciências biológicas na Unesp de Botucatu, o mestrado e o doutorado em anatomia na mesma instituição e campus. Percebo, a certa altura, que em 1990, quatro anos antes de eu nascer, aquele homem já era pós-doutor pela Universidade de Alcalá de Henares, na Espanha, e, desde de 2002, é livre-docente, além de professor titular da Unesp; até onde me consta, falando em titulações, é meio que o mais longe que se pode chegar.

#### **Lições de anatomia**

Em uma das paredes, algo que eu só viria a perceber numa segunda visita dias depois, uma reprodução da famosíssima *A Lição de Anatomia do Dr. Tulp, de Rembrandt*. Dr. Tulp [ou, uma análise mais aprofundada, aqui], no caso, é Nicolaes Tulp, médico e político holandês, cirurgião renomado e três vezes prefeito de Amsterdã, que teve uma aula de anatomia em um anfiteatro registrada por Rembrandt em 31 de janeiro de 1632. Rembrandt, por sua vez, também natural dos Países Baixos, famoso pelos muitos autorretratos e um dos pintores mais celebrados de todos os tempos.

Ainda que o século XVII não seja, propriamente, o primeiro que pensamos quando lemos por aí “Renascimento”, esse espaço de tempo basicamente incrustado entre o fim da Idade Média — e o *blablablá* impreciso de *idade das trevas*, feudos, roupas de lã e comida mal temperada — e a modernidade, com suas grandes navegações e o fascínio todo com temperos orientais; todavia, entre uns e outros, o Renascimento é esse momento meio que mágico entre o fim dos mil e trezentos e algum lugar por volta do apagar das luzes dos mil e seiscentos. É a Renascença que marca uma certa revalorização do homem, um primeiro sinal de que voltaríamos a viver tempos em que a nossa existência é fruto e objetivo dos nossos esforços intelectuais e morais. É Leonardo da Vinci, esse polímata genial e genioso, quase um simulacro dessa época, tão antes da nossa, hiperespecializada; da Vinci foi pintor, escultor, poeta, arquiteto, inventor, músico e, veja só,



anatomista. Por volta de 1517, da Vinci teria realizado estudos anatômicos em cerca de 30 cadáveres diferentes. O legado desse trabalho se deu na forma de 240 ilustrações e cerca de 13 mil palavras em anotações: a mais ousada e ampla investigação do funcionamento do próprio homem empreendida até então e que hoje pode ser vista na forma de uma exposição itinerante e em livro, ambos com o nome de Leonardo da Vinci: *The Mechanics of Man* (“a mecânica do homem”, em uma tradução livre).

Na segunda conversa que eu viria a ter com o Professor Vicentini, essa em que reparei na reprodução de Rembrandt na parede, ele viria a comentar a importância do polímata italiano, que supera, inclusive, o fato de que várias das observações de da Vinci sobre a anatomia humana estavam, bem, erradas—de certo não é lá muito fácil ser um desses caras empenhados em retirar uma ciência específica de alguns séculos de hiato de estudos.

*“Não é um museu de cera nem uma casa de horrores”*

E o Professor continua ali, do outro lado da mesa, por coisa de mais uma hora e meia. joga-me de volta para o meu deficiente aprendizado escolar de disciplinas não-humanísticas e eu lembro de ir melhor em biologia do que em matemática, física e química, mas que ainda assim era bem ruim, afinal; ele espalha livros didáticos de primeiro semestre de graduação em ciências biológicas em cima da mesa—esses livros grandes, caros e coloridos; me aponta as figuras, tenta me passar um microcurso de anatomia ali mesmo—*O mínimo que você precisa saber para eu te levar ao nosso laboratório e você não se comportar de maneira muito tonta*, eu batizaria—e eu penso que não pensava no corpo humano daquela forma, cartesiana, científica, desde o Ensino Médio e que, porra, eu sou imbecil por não ter me forçado a ler, sei lá, *trocentos* artigos da Wikipédia sobre o corpo humano; e que, se eu fosse um *jornalista sério*, ou ao menos um projeto razoável para me tornar, um dia, um desses caras que realmente chegam a ser grande coisa, dignos de nota., eventualmente publicando um livro-reportagem pela Companhia das Letras ou alguma editora decente, dessas que têm estandes daqueles grandões na Bienal de SP (não essas merdas de proto-editoras *hipsters* de playboy que o pai fez um “empréstimo”—*ha-ha*—para o bonitinho começar a publicar edições artesanais dos amiguinhos metidos a fazer poesia concreta), eu teria *engolido* anatomia suficiente.

E eu percebo nas palavras do Professor Vicentini, enquanto ele vai falando de maneira sempre empolgada e fluída, que se trata de um homem essencialmente moralista—isso no sentido mais positivo praticável—, “eu vou me aposentar agora [em 2017], será que a Universidade [a Unesp de Bauru] vai conseguir repor?”, para pouco depois afirmar, categoricamente, que a prioridade do professor universitário é, e sempre deve ser, o ensino e a graduação—não a pesquisa, os artigos em revistas ou a pós. O Professor reclama, ainda, que não é “cobrado”, que semestre após semestre ele não sabe, exatamente, como os alunos se sentem sobre o trabalho dele.

*“Art. 1º Esta Lei visa disciplinar a destinação de*

*cadáver não reclamado junto às autoridades públicas, para fins de ensino e pesquisa.*

*Art. 2º O cadáver não reclamado junto às autoridades públicas, no prazo de trinta dias, poderá ser destinado às escolas de medicina, para fins de ensino e de pesquisa de caráter científico.*

*Art. 3º: Será destinado para estudo, na forma do artigo anterior, o cadáver:*

*I—sem qualquer documentação;*

*II—identificado, sobre o qual inexistem informações relativas a endereços de parentes ou responsáveis legais.”*

### **O técnico**

Ao entrar no laboratório na companhia do Professor Vicentini eu conheço Amaral, 42, formado em Ciências Biológicas pela Universidade do Sagrado Coração de Bauru (USC) e atualmente o técnico responsável pela manutenção das peças cadavéricas que compõem o acervo anatômico da Unesp de Bauru, além de braço direito do Professor, que havia rasgado elogios à pessoa e profissional do técnico. Amaral é um sujeito de estatura média-baixa e pele morena, o cabelo fino é cortado baixo e as entradas na parte frontal já são notáveis; usa jeans, tênis esportivo e jaleco e passa uma impressão que fica entre o acanhamento e a reserva. Amaral me conta que seu primeiro contato com um laboratório de anatomia fora ainda no Ensino Médio, que aquilo tudo foi uma espécie de amor à primeira vista e que ele começou, ainda na graduação, a estagiar no laboratório da USC, se tornando funcionário concursado da Unesp em 2006. Conta-me com timidez que sofre, sim, preconceito — inclusive intrafamiliar — devido à sua ocupação e relata uma rotina profissional pautada por cuidar daquele pequeno mundo e garantir que tudo se conserve e esteja sempre perfeito para as aulas de Ciências Biológicas e Educação Física que são administradas numa sala análoga ao laboratório; àquela altura eu já sabia o que Amaral nunca tinha experimentado ali: a chegada de uma peça nova — e vem-me à consciência esse uso sistemático de “peça” (*pe-ças ca-da-vé-ri-cas*) para se referir àqueles pedaços de gente e que esse caminho, do afastamento latejante, da desumanização, é uma via de mão dupla inexequível e absolutamente necessária, pois, ora, o Professor Vicentini sempre apresenta aos seus alunos, na primeira aula do semestre, a Oração ao Cadáver Desconhecido (essa que abre esse relato) e a oração serve rigorosamente para lembrar que o que hoje é objeto de estudo outrora fora gente e que esse tronco hoje sem cabeça, pernas ou braços um dia foi parte indissociável de um ser que possuía nome, anseios e amores e que por algum motivo é imprescindível lembrar-se e esquecer-se disso o tempo todo e ao mesmo tempo; é imperioso respeitar o fato humano e ser empático o

bastante para não se permitir ser jocoso, mas nunca empático demais, para não acabar entrando numa certa zona em que a experiência toda pode se tornar intragável -, uma vez que desde 1995 o laboratório vem trabalhando com as mesmas e boa parte do trabalho diário consiste, exatamente, em estender esse prazo de validade *ad infinitum*, garantindo o bom estado de todo o acervo, a troca periódica dos conservantes e, mais recentemente, a substituição do formol pela glicerina.

O clichê sobre a obtenção dos corpos utilizados atualmente em estudos anatômicos é, num todo, correto. A maior parte é de sujeitos não reclamados em institutos médicos; pessoas em situação de rua ou sem vínculo familiar existente quando da morte, mas isso não significa, aparentemente, que exista grande oferta de cadáveres, a ver:

*“(...) Com o grande aumento de faculdades e a progressiva diminuição do número de corpos não reclamados, estamos enfrentando grande dificuldade em obter peças anatômicas (...) Há quem pergunte um dia: você prefere ser operado por um cirurgião que aprendeu anatomia num boneco de plástico ou num corpo humano de verdade?”*

Com um corpo humano, Sociedade Brasileira de Anatomia, com o corpo humano... A sugestão da Sociedade é que você manifeste interesse em doar seu corpo à ciência (“Doe o seu corpo e contribua para o progresso da Medicina e para a melhoria da qualidade dos profissionais da saúde! Seus descendentes lhe agradecerão!” e eu adoro o tom de propaganda desse trecho e imaginar isso sendo lido num desses comerciais de tevê à Polishop); o que me leva a tentar colocar em perspectiva uma certa comparação entre a doação de órgãos e conceder todo o seu defunto a uma faculdade e como o segundo exige um tipo de grandeza diferente do primeiro; doar seus órgãos salva vidas e não impede que sua família realize nenhum dos dois procedimentos fúnebres mais comuns (enterro/cremação). Agora dar seu corpo à ciência implica 1) você deixará de doar seus órgãos, trocando uma oportunidade mais ou menos clara de *salvar uma vida* por uma que reside num campo um tanto mais abstrato 2) o seu cadáver vai continuar existindo fisicamente, inteiro ou em partes, sendo manuseado, espetado com agulhas coladas a pequenos papéis numerados e plastificados em uma prova prática que consiste em alfinetá-lo de maneira correta etc, o que, eu imagino, pode ser uma ideia desconfortável a alguns. Todavia, estou, exatamente agora, absolutamente convencido a doar meu corpo à anatomia — oportunidade fantástica.

### **O laboratório**

O laboratório é retangular e possui na parede de fundo uma enorme prateleira metálica; nela esses enormes potes acumulam-se com as peças cadavéricas que já não estão mais em formol. É uma dessas caixas de plástico a primeira que Amaral resolve me mostrar enquanto eu respiro o ar

carregado de formol e sinto alguma ansiedade quanto à possibilidade de não ter estômago para a experiência. Amaral coloca luvas descartáveis e seleciona a primeira caixa que vai me mostrar; uma parte de corpo masculino cortada, abaixo, no limite do peito e com a cabeça escalpada. Duas fendas na pele torácica permitem que Amaral levante a cútis com facilidade revelando os pulmões do sujeito, enquanto os pelos grossos que escapam às narinas e os cílios insolitamente longos me causam um desconforto leve e meu pensamento se concentra mais no fato que eu não senti quase nada em olhar para a peça; me pareceu difícil acreditar que aquilo era efetivamente humano e real.

A imagem da abertura da cuba — que deve ter seus três metros de largura e um pouco de profundidade, com formol 10% até a sua metade e foi comprada ao custo de 15 mil reais — é a mais forte. Ao ser aberta sopra uma brisa forte e revela-se o único corpo completamente inteiro do laboratório; um homem branco e alto, o cabelo claro e molhado, os lábios entreabertos e os pés roxos, mergulhado naquela banheira entre várias outras partes de gente, uma perna autônoma jogada por cima que cobre a região da cintura, numa censura involuntária e cartunesca ao pênis do sujeito. Amaral mexe naquele festival com naturalidade, arranca de algum lugar a peça feminina que serve à aula de sistema reprodutivo, um corte restrito à parte que interessa ao seu fim, e mostra os ovários. Reparo com algum constrangimento que tanto a vagina daquela parte como o pênis daquele outro todo mantêm um aspecto honestamente humano, real demais, e saber que aquilo está ali há pelo menos o meu tempo de vida me parece um contrasenso curioso. Me sinto levemente orgulhoso pela capacidade humana em frear a condição natural das coisas, de que aqueles corpos deveriam ter sido reduzidos a nada, mas não quisemos assim; e me culpo um pouco por não sentir nada genuinamente forte e me culpo por me sentir culpado e por sentir culpa por essa primeira culpa, *ad nauseam*, não conseguindo me decidir se é *ok* achar *ok* aquilo tudo ou se aquilo faz de mim um psicopata em potencial. Ouço do Professor Vicentini das brincadeiras infantis e daqueles que levam algum tempo para conseguir se adaptar às aulas. Ouço-o, também, com alguma revolta, contar da reincidência de alunos que ano após ano acham uma boa piada postar-se por trás do esqueleto humano que compõe o acervo e conduzir o braço da estrutura numa simulação de um indivíduo fumando e acabo sendo pego desprevenido pela história, tendo que fazer algum esforço para que não escape uma risada inoportuna.

Também compõem a série de reportagens Da morte & do Pão:

- [Como \[des\]aprendemos a morrer ou: uma breve história do nosso jeito de partir](#)
- [Nina, Rainha da Tanato](#)
- [O Médico e o Morto](#)

Notas de referência:

1 -Karl Rokitsansky, Oração ao Cadáver Desconhecido, 1876; 2— Louis C.K., Live at the Beacon Theater, 2011; 3— Lei 8501, de 30 de novembro de 1992



**Michael Barbosa**

Jornalista pela Unesp de Bauru et cetera.

Follow



More from Michael Barbosa

**A vitória de Trump é a vitória do...**



Michael Barbosa  
1 min read



Also tagged Anatomy

**30,000 Facets Give Dragonflies a Differe...**



GrrlScientist  
5 min read

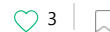


Also tagged Anatomy

**New Human Organ Overturns a Century ...**



Jessica Yuan  
4 min read



Never miss a story from **Michael Barbosa**, when you sign up for Medium. [Learn more](#)

GET UPDATES



Michael Barbosa [Follow](#)  
Jornalista pela Unesp de Bauru et cetera.  
Mar 10 · 14 min read

# O MÉDICO E O MORTO



Arte: Victor Harabura

## O Médico e o Morto

Conversei com profissionais da saúde sobre a morte

*“Vou te encontrar, vestida de cetim,*

*Pois, em qualquer lugar, esperas só por mim*

*E no teu beijo provar o gosto estranho*

*Que eu quero e não desejo, mas tenho que encontrar*

*Vem, mas demore a chegar.”<sup>1</sup>*

(Esse texto faz parte da série de reportagens [Da morte & do pão](#))

**T**iago Firmino tem 31 anos, é médico desde de 2011, formado pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), e, atualmente, exerce a medicina como infectologista.

Bárbara Golstorff é enfermeira formada pela Uninove desde 2014, trabalhou em UTI's de oncologia infantil, deu aulas em cursos técnicos de enfermagem e, hoje, trabalha em um pronto socorro pediátrico.

Ambos foram convidados pela reportagem a conversar sobre a presença indelével da morte em suas atuações profissionais.

Alguns nomes de pessoas já falecidas e de instituições foram omitidos ou alterados atendendo a pedido dos entrevistados.

“A morte é um tema interdito entre eles [os profissionais da saúde]”, me disse, esses tempos, um professor.

Tiago:

“Dentro do curso de medicina... A gente conversa e tal, mas pelo menos dentro do meu curso eu não consegui perceber muito [esse diálogo sobre a morte]. Essa conversa como uma coisa mais densa, mais aberta, assim. A gente [médicos] só vai ter esse contato com a morte quando começamos os estágios, nos últimos dois anos. Até para gente isso é uma coisa meio assustadora, você lidar com a morte, uma parada cardiorrespiratória, ‘meu Deus, o que que eu vou fazer diante dessa situação?’, e mesmo quando a gente é treinado a... Contar *pros* parentes dos pacientes que ele morreu... Inicialmente era uma coisa, bem, não tinha preparo, a gente não tinha como conversar... Na verdade, tinha algumas aulas, palestras, sobre contar más notícias... É uma coisa que durante a faculdade eu senti que foi fraco; eu, por exemplo, me senti mais treinado a falar de morte, a lidar com uma situação de quase morte ou ao menos de dar as notícias, durante a residência médica... Durante a residência o contato com o paciente é tão intenso que a morte acaba... Como eu posso dizer... Ela fica mais... Próxima. Como eu posso dizer... É uma situação chateante, você perder o paciente, ter que falar com o familiar... Mas esse treinamento é uma coisa que eu senti mais com o tempo mesmo, com o contato (...) As faculdades de medicina falam pouco sobre morte, sobre cuidados paliativos [segunda a Academia Brasileira de Cuidados Paliativos, “o alívio do sofrimento, a compaixão pelo doente e seus familiares, o controle impecável dos sintomas e da dor, a busca pela autonomia e pela manutenção de uma vida ativa enquanto ela durar”, ou seja, um conjunto de técnicas dedicadas não à busca pela cura, mas ao bem-estar] ... Acho que, assim, a parte de psicologia médica, de psicologia perante a morte, é muito fraca, tem que ser muito mais debatida mesmo... Eu, particularmente, acho que consigo lidar bem com a morte, mas tem situações que te deixam abatido e chateado (...)

[A pergunta seguinte foi sobre como a morte de pacientes afetava-o pessoalmente]

É... Nossa, muito difícil [risada]... Cara... Depende muito, assim, que nem eu te falei... Para te dar um exemplo, eu lembro na residência médica que tinha uma paciente minha que ela tava melhorando a olhos vivos... [pausa] Chegou uma hora que ela teve um problema cardíaco e morreu... Uma coisa, assim, sabe, a gente via evolução dela, tava todo dia vendo ela, e chega num dia... Morreu. Uma coisa meio ‘o que que aconteceu, o que que eu vou falar, o que que eu vou fazer’, e você tem aquele paciente que, assim, você sabe que ele *tá* evoluindo mal e que é questão de tempo para ele morrer... Acho que quando você percebe que a evolução é muito ruim, você acaba, às vezes, dependendo do caso, até torcendo, sabe, para pessoa

descansar... Porque, às vezes, a medicina de hoje é tão invasiva que você...  
Catéter daqui, tubo dali, faz diálise, e você faz esses esforços... Você fala  
'meu, que que vai adiantar?', você *tá* prolongando um sofrimento. Esse tipo  
de caso, é uma coisa, assim... Vamos dar conforto para pessoa morrer em  
paz... Esse tipo de caso você até assim: 'graças a Deus que ela descansou';  
mas sempre tem aquele paciente que você *tá* lá, vendo a evolução dele, e de  
repente ele morre... Sabe, a morte é uma coisa, pelo menos no meu ponto de  
vista... É uma coisa muito particularizada. Em alguns casos ela [a morte]  
realmente é uma coisa assustadora, *entre aspas* [colocando aspas em  
*assustadora*], você não espera... Mas, em outros, deixa descansar, sabe...  
Por exemplo, como eu trabalhei muito com paciente HIV [sigla para o vírus  
da Imunodeficiência Humana, causador da Síndrome da imunodeficiência  
adquirida, a AIDS], sempre tem o paciente HIV que você sabe que não tem  
mais solução... Sabe, que não vai evoluir a imunidade, que *tá* atacando, que  
tem um monte de doenças oportunistas. E você sabe que a solução ali... Não  
tem solução. Se você enxergar a morte como uma descanso, acabar com um  
sofrimento... É a coisa mais humana que você pode fazer.

[Após eu comentar sobre a história contada em coluna por Francisco Daudt  
(sob o título "Condenados à vida") a respeito de médicos que se negam a  
aceitar a morte e saem gritando, frente a algum tipo de parada que 'no meu  
plantão, não!' (inclusive já referenciado no primeiro texto dessa breve  
série)]

Olha, assim, ainda existe muito essa ideia da medicina salvadora, evitar a  
morte qualquer custo. Mas hoje em dia se discute muito os cuidados  
paliativos, você deixar o paciente... Evitar o sofrimento daquela pessoa... O  
prolongamento de uma vida sem conforto, uma vida... Que não tem  
qualidade de vida nenhuma... Mas ainda é muito forte isso da medicina  
salvadora, sabe, 'meu plantão, não!', não sei o que... Outra coisa também,  
infelizmente... Não, não sei se infelizmente, que é da família... Cada família  
vai reagir de um jeito. Paciente que sofre um acidente e não sai da cama  
[nunca mais]... Tem parente que fala que se for ficar na cama o resto da  
vida prefere que ele morra, mas tem alguns que querem que você faça tudo  
[possível para estender a vida], vá até o fim, não importa... E cabe ao  
médico explicar qual a qualidade de vida ele [o paciente] vai ter, como são  
sofridos os procedimentos de prolongamento de vida... Assim, acho que tem  
uma questão muito do vínculo médico-familiar com o paciente, entende?  
(...) Eu tenho um caso... Tinha um paciente que tinha esclerose lateral  
amiotrófica [doença considerada rara (cerca de 15 mil casos/ano no Brasil)  
em que as células nervosas se *quebram*, enfraquecendo de maneira severa  
as funções musculares), uma doença degenerativa que com o tempo você *tá*  
perdendo até a capacidade pulmonar, até.... Até a capacidade de respirar,  
os nervos acabam se deteriorando... Essa paciente *tava* jogada na cama,  
quinhentas mil infecções [hipérbole]... A gente [equipe médica] sabia que  
ela não ia ter qualidade nenhuma de vida dali para frente... Os familiares  
insistiram 'faz tudo até o final, não importa'... Sabe... Então, assim, é uma  
coisa complicada você falar que os médicos só querem salvar a vida... Sim,  
ainda é muito forte essa medicina de só salvar a vida... Mas a gente não  
pode falar que não vai fazer mais nada, tem que ser uma coisa acordada (...)  
O médico tem que ter uma conversa bem franca, bem sincera, num  
ambiente tranquilo, sobre a situação; quais são as possibilidades, o que



pode ser feito no momento, se existe a possibilidade de algum tratamento paliativo ou que prolongue a vida... Tem que ser uma coisa muito bem explicada... Às vezes não é nem... Às vezes o vínculo do familiar com o paciente é muito forte e explicar *pra* uma pessoa que o seu familiar vai morrer nos próximos meses ou nas próximas semanas é uma coisa muito delicada, tem que ser muito bem explicado. Às vezes você não consegue entrar no consenso. E a gente é obrigado a fazer de tudo... Se o paciente morrer e você não fez, porque o paciente não queria... Você pode acabar sendo processado.

*“A morte, surda, caminha ao meu lado*

*E eu não sei em que esquina ela vai me beijar*

*Com que rosto ela virá?*

*Será que ela vai deixar eu acabar o que eu tenho que fazer?*

*Ou será que ela vai me pegar no meio do copo de uísque?”*

[Sobre haver um primeiro caso que lhe vem à mente quando se fala em perda de paciente]

Olha, tem sim, cara... [Uma] Paciente HIV positiva, seus quarenta e poucos anos, ela tinha inchaço do coração... *Tava* grave... UTI duas semanas... Eu que *tava* cuidando dela, tudo bonitinho... Aí, num dia antes dela ter alta, ela teve uma taquicardia ventricular [uma taquicardia (aumento da frequência cardíaca) com origem em um dos ventrículos do coração], uma parada cardiorrespiratória e nunca mais voltou... Então, é uma coisa... *Porra*, você tá lá, duas semanas, vê que a paciente tá melhorando, aí, de repente, *pá*, um evento pontual assim, muda tudo.. Sabe, é uma coisa... Meio que choca... Você acaba se perguntando ‘o que que eu errei?’, mas no fundo, no fundo, não é o que você errou... A doença dela era gravíssima, podia acontecer a qualquer momento... Mas é o vínculo... Você ficou duas semanas com aquela pessoa... Sabe, do nada ela morrer?”

Bárbara

[Sobre como ela chegou a uma ala oncológica infantil]

“Então, eu saí da faculdade em janeiro de 2014 e no mesmo mês eu comecei a participar de um processo seletivo (...) Aí, eu passei no processo seletivo e comecei a trabalhar no dia 1º de abril. E, não sei por quais motivos (...) Dos dez enfermeiros que entraram eu fui uma das escolhidas para ir inaugurar a UTI oncológica [se tratava de um hospital pediátrico]. E eu, recém formada, achava aquilo lindo (...)

Já tinha tido uma experiência com morte antes disso, ainda na faculdade, porque eu *tava* fazendo estágio [na pediatria de um outro hospital em São Paulo, SP]; eu já era apaixonada por pediatria desde essa época... Meu professor disse, ‘já vou te deixar na pediatria *pra* você ir pegando a mão, já que você gosta’ e a enfermeira de lá me deixou responsável por quatro leitos oncológicos (...) Aí morreu o Felipe, uma criança com leucemia... E ele

faleceu... E *pra* mim foi muito marcante... Até esses dias eu tava passando... No Facebook tem aquelas lembranças, *né*, e apareceu o meu *post* do dia que aconteceu o óbito... E eu lembro de sentir aquele baque... *Uma* por ser um óbito, que já é algo difícil; dois por ser criança... E uma coisa que me marcou muito no óbito do Felipe, não ainda como enfermeira, porque eu não me sentia enfermeira... O que me marcou foi o desespero da médica dele... A médica do Felipe ficou transtornada, ela precisou ser acalmada pela equipe e pela própria mãe do Felipe... Ela estava transtornada, ela que parecia a mãe... Já a mãe estava tão... Anestesiada, eu acho. Eu lembro da gente deixar a mãe ali, a mãe e o pai, com ele ali *pra* se despedir... Depois a gente foi começar o preparo do corpo, que foi uma cena forte pra mim e aquilo me tocou muito, as enfermeiras... Começou a aparecer um monte de gente... Ele era um paciente muito querido, vieram enfermeiros de outros plantões, gente que era da noite veio de dia, *pra* se despedir... E eu lembro que naquele dia eu falei, ‘nossa, como é importante isso que a gente faz’... Por mais que, *né*, *pra* algumas pessoas isso possa soar como ‘você falharam, o paciente morreu’, mas tem uma coisa muito bonita... Pelo menos *pra* mim... Passa uma coisa de respeito, de cuidado... Mesmo naquele momento [ainda se referindo ao momento de cuidado da equipe de enfermagem com os preparos do corpo]. E essas enfermeiras que *tavam* lá me ensinaram isso... Mesmo quando elas estavam preparando o corpo, fazendo tamponamento [processo em que se *tampa* as cavidades do corpo antes de liberá-lo], elas conversavam e se despediam dele, então (...)

*“Qual será a forma da minha morte?”*

*Uma das tantas coisas que eu não escolhi na vida.*

*Existem tantas... Um acidente de carro.*

*O coração que se recusa a bater no próximo minuto,*

*A anestesia mal aplicada,*

*A vida mal vivida, a ferida mal curada, a dor já envelhecida*

*O câncer já espalhado e ainda escondido, ou, até, quem sabe,*

*Um escorregão idiota, num dia de sol, a cabeça no meio-fio...”*

[Bárbara chegou a enviar uma imagem da sua publicação no Facebook em novembro de 2013, quando da morte do menino, que começa com “Hoje, pela primeira vez, chorei a morte de alguém que não conhecia...”, a seguir a continuação da experiência de Bárbara na UTI oncológica infantil]

Eu comecei a pensar, ‘nossa, deve ter um plano maior aí, a vida *tá* me levando *pra* cuidar de criança com câncer...’; uma porque eu tive essa experiência já no estágio e outra porque entre os dez enfermeiros eu fui a única das dez que foi mandada [para a UTI oncológica infantil]... Então, eu achava que tinha um plano divino, *sei lá*, era minha visão na época... Fui lá, fiz um mês de treinamento, e nesse um mês a gente [a equipe de enfermagem] não abordou nada sobre como lidar com o óbito; a gente aprendeu os aspectos legais [se referindo aos procedimentos relativos ao

corpo], mas não como lidar com aquilo. Então comecei a trabalhar e assim que a gente inaugurou a UTI vieram quatro pacientes e um deles, o Tiago, uma criança de dois anos... Dois e pouco, quase três [anos]... Também não esqueço o rostinho dele, uma criança que já estava grave, leucemia também, e o que aconteceu com ele foi uma complicação, ele pegou uma bactéria hospitalar, a KPC [sigla para Klebsiella Pneumoniae Carbapenemase, uma superbactéria (altamente resistente à maior parte dos antibióticos) hospitalar identificada em 2000 e que pode causar pneumonia, infecções sanguíneas e do trato urinário, feridas, evolução para um quadro de infecção generalizada e, comumente, levar a óbito], e, por conta da KPC, ele teve um choque séptico [uma falência circulatória aguda causada por uma infecção, no caso a decorrente da KPC] que deu em morte cerebral... E aí a médica, a intensivista, chamou a gente, a equipe, éramos... Não tínhamos técnicos lá, éramos todos enfermeiros, então a gente ficava mesmo com o paciente... A gente dava banho, fazia todos os cuidados... Os mais específicos, como medicar, passar uma sonda; até os mais básicos, como dar banho, trocar uma fralda... Aí a médica chamou os enfermeiros, isso foi numa quarta-feira, e explicou *pra* gente que o Tiago tinha um diagnóstico de morte cerebral, morte encefálica... E foi a única [profissional] que teve essa preocupação de conversar com a gente, e essa foi uma coisa que eu achei importante... Ela sabia que era uma UTI nova, ela sabia que alguns ali, além de novos de idade— eu tinha 22 anos—, éramos recém formados, e ela teve essa preocupação de conversar, ela sentou e falou: ‘pessoal, é o seguinte, o Tiago está com um quadro de morte encefálica, ainda não comunicamos os pais, ainda estamos terminando os testes, mas temos esse quadro, e quero pedir para vocês que tenham muita calma quando isso [a confirmação do óbito] acontecer; não sei quem vai tá aqui no dia, mas vocês precisam ser fortes, precisam dar apoio; esse é um momento da mãe, da família; vocês são profissionais da saúde; vocês vão sentir sim, assim como eu vou sentir, mas vocês precisam ter essa postura’, evitar dar *show*, dar *piti* ela quis dizer... E isso [essa conversa] aconteceu na quarta e ele faleceu no sábado, no meu plantão [dá uma risada nervosa]... Eu lembro que tinha comentado com a minha mãe— que era super parceira em escutar meu sofrimento— e aí eu lembro que eu rezava *pra* que ele não fosse [morresse] no meu plantão, porque eu não sabia como eu ia lidar com aquilo... E como tudo nada vida vem *pra* surpreender... Parece que ele me esperou... ‘Não, Bárbara, primeiro óbito vai ser eu, eu vou te ensinar...’, eu lembro que peguei o plantão num sábado 7 horas da manhã e quando foi 7 e 25 ele faleceu. E foi muito marcante *pra* mim, porque eu estava como enfermeira, eu que tinha que cuidar do corpo, eu que tinha que fazer os procedimentos legais e comunicar a mãe. Eu estava no posto de enfermagem... A UTI é toda circular... Fica o posto [médico] no centro e os *boxes* dos pacientes em volta [aqui]... A gente tinha uma tevê bem grande com os sinais vitais e eu lembro de olhar os sinais vitais dele super... Caindo, entrando em braquicardia [diminuição do ritmo cardíaco a menos de 60 batimentos por minuto] e eu lembro de dar a mão *pr’* uma outra enfermeira e a gente vendo o coração dele falhando e eu lembro de segurar a mão dessa enfermeira e falar ‘vamos lá, acordar a mãe’. Acordamos, comunicamos, ‘olha, o Tiago realmente faleceu’, deixamos ela se despedir e aí, quando eu fui *extubar* [no jargão da área, expressão para a retirada dos tubos ligados ao paciente] o Tiago, ele deu aquele último suspiro no meu colo... Mas eu

lembro que nesse dia eu não chorei... Era uma... *Pra* mim sempre teve um aspecto de... Como eu posso explicar... Um aspecto de... Eu me senti honrada... Eu não sei se isso pode ser meio ambíguo [sobre se *sentir honrada*]... Mas eu me senti honrada, de observar que a vida é isso... Mas aí, também, tendo vivência na área oncológica... Eu tive que sair de lá... Eu não consigo mais lidar com o câncer; consigo lidar com o óbito, mas o câncer não dá... *Pra* mim não dava na época... Hoje eu até tenho vontade de voltar, acho que eu *tô* mais madura... Depois de ter passado por isso tudo... Mas eu tive que sair porque começou a me afetar, porque a doença... Uma coisa é a criança morrer de uma situação súbita, agora o câncer é muito doído.. Ele é sofrido... O sofrimento é muito grande... Com o adulto—já tinha vivido isso com a minha avó e tinha sido difícil, como parente. E como profissional... E por serem crianças; me tocava muito e eu tive esse problema: eu não desligava, eu emagreci bastante, não me alimentava direito... E era um óbito quase que por semana... Lembro uma vez que morreu um outro paciente comigo; ele era bem parecido com o meu irmão, inclusive, e tinha a idade e o mesmo nome dele e aquilo foi muito doído; ver aquilo, aquelas crianças... Poxa, sofrem tanto... O tratamento além de ser longo é muito doloroso; enfrentam quimioterapia, e acaba com elas tanto fisicamente quanto emocionalmente... As meninas, que começa a cair o cabelo, então, é muito complicado... Então, *pra* mim, eu optei por sair... Eu comecei a questionar coisas da minha vida, ‘por que essas crianças morrem?’... Por mais que a gente dê nosso melhor, por mais que a gente até deixe de lado a enfermeira e entre como amiga... Eu lembro que tinha essa paciente adolescente que era super difícil de lidar, mas de mim ela gostava... Às vezes, no plantão da noite, eu ficava lá jogando videogame com ela... Aí eu comecei muito a questionar e eu optei por sair, mas hoje eu tenho outra visão... Comecei a pensar que o pessoal da saúde... Nós somos apenas instrumentos usados, sim, por Deus e que não está nas nossas mãos; eu não encaro como fracasso... Vai muito além... Se você pega dois pacientes, com a mesma patologia e que recebem o mesmo tratamento, por que um sobrevive e outro não? Eu comecei a pensar isso: ‘é algo além’. Se vai dar certo ou não, definitivamente, não está nas nossas mãos... Mas, *pra* mim, na época, o que começou a me afetar foi que eu comecei a questionar a minha fé, ‘meu Deus, por que tanto sofrimento?’, toda vez que ia pegar um acesso aquele *chororô* e elas olhavam *pra* você, aquela cara de ‘tia, por favor, não’; tudo isso começou a pesar muito *pra* mim.”

Também compõem a série de reportagens Da morte & do Pão:

- [Como \[des\]aprendemos a morrer ou: uma breve história do nosso jeito de partir](#)
- [Nina, Rainha da Tanato](#)
- [Lá no lab de anato](#)

Notas de referência

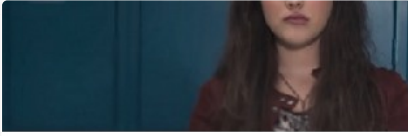
1—Todos os trechos, ao longo do texto, são da música [Canto para a minha morte](#), de Raul Seixas, 1984.



**Michael Barbosa**

Jornalista pela Unesp de Bauru et cetera.

Follow



More from Michael Barbosa

**Precisamos aceitar:  
algumas obras podem..**



Michael Barbosa  
5 min read

2 |



More from Michael Barbosa

**Nina, Rainha da Tanato**



Michael Barbosa  
12 min read

4 |

More from Michael Barbosa

**se eu sonhasse com fuzis**

Eu saí de casa no meio  
duma tarde quente de...

Michael Barbosa  
5 min read

5 |



Never miss a story from **Michael Barbosa**, when you sign up for Medium. [Learn more](#)

GET UPDATES